

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES
LICENCIATURA EM LETRAS**

MARIA DE NAZARÉ VIANA GONÇALVES

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO NO
BAIRRO DE PAULO CORRÊA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade do Estado do Amazonas como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Patrícia Christina dos Reis

Parintins-AM
2025

MARIA DE NAZARÉ VIANA GONÇALVES

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO NO
BAIRRO DE PAULO CORRÊA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras, da
universidade do Estado do Amazonas como
requisito para obtenção do grau de Licenciatura
em Letras.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Patrícia Christina dos Reis
Presidente /UEA

Prof.^a Dra. Edinelza Macedo Ribeiro
Membro/UEA

Prof. Me. Luís Alberto Mendes de Carvalho
Membro/UEA

Parintins-AM
2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

G635p	<p>Gonçalves , Maria de Nazaré Viana Preconceito Linguístico : Um estudo Sociolinguístico no bairro de Paulo Corrêa / Maria de Nazaré Viana Gonçalves . Manaus : [s.n], 2025. 56 f.: color.; 21,0 cm.</p> <p>TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025. Orientador: Reis, Patricia Christina dos.</p> <p>1. Preconceito linguístico . 2. Paulo Corrêa . 3. Sociolinguística . 4. Linguagem . 5. Social . I. Reis, Patricia Christina dos (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título</p> <p>CDU(1997)81</p>
-------	---

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que nos concedeu o dom da vida e o livre arbítrio para fazermos nossas escolhas e trilhar o nosso próprio caminho, com o seu infinito amor ele me ajuda a superar obstáculos que muitas vezes parecem impossíveis de serem ultrapassados, mas graças a sua bondade ele me guia e me faz perceber que eu posso ir mais longe.

Agradeço também, minha família, que são meu bem mais precioso, pois sempre estiveram comigo em todos os momentos me apoiando, incentivando e sempre mostrando que sonhos podem ser realizados e que nada é impossível quando se tem dedicação, amor e perseverança. Agradeço aos meus amigos, que sempre estão dispostos a me ajudarem, isso me faz perceber que amizades verdadeiras existem, e que não tem nada mais valioso que ter um amigo para que possamos contar.

À minha professora orientadora, pela dedicação em suas orientações prestadas na elaboração deste trabalho, incentivando e dando todo apoio e suportes necessários para no fim termos um excelente resultado.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda minha família, aos meus amigos e amigas que me deram carinho, incentivo e bastante motivação para seguir os percursos e a elaboração desse trabalho, dedico também a Deus e todas as divindades que me abençoaram com muita força depois de muita oração, para chegar no final desse caminho.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar o preconceito linguístico pelas ruas de Parintins, especificamente direcionado a um dos bairros, chamado Paulo Corrêa. Além disso, essa pesquisa considerou aspectos sociais e linguísticos para entender como o fenômeno do preconceito linguístico está inserido na sociedade parintinense, especialmente no Bairro de Paulo Corrêa. O trabalho apresentou resultados da pesquisa sobre o preconceito linguístico no bairro de Paulo Corrêa, a metodologia dessa pesquisa é de caráter quantitativo, além de ser uma pesquisa de estudo de caso, a pesquisa também tem caráter de campo, baseando-se em procedimentos teóricos-metodológicos da sociolinguística. A coleta de dados dessa pesquisa foi por meio de questionário, contendo 11 perguntas com resposta de sim ou não, foi delimitado para essa pesquisa 31 informantes divididos entre mulheres e homens, com idade entre 17 e 60 anos. O trabalho se justificou pela curiosidade de refletir sobre o preconceito linguístico dentro de Parintins, como também pelo fato de tentar entender como o preconceito encontra-se dentro do cotidiano Parintinense, especialmente dentro do bairro de Paulo Corrêa. Além disso, a pesquisa buscou contribuir academicamente, pois a literatura oferece pouco ou quase nada de estudos voltados para pesquisar o preconceito linguístico fora do âmbito escolar. Assim, para compor essa pesquisa foram abordados os estudos de Bagno (2007), Coelho et. al (2010), Andrade et. al (2012), Calvet (2002), entre outros.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico, Paulo Corrêa, Sociolinguística, Linguagem, social, preconceito.

ABSTRACT

This study aimed to analyze linguistic prejudice on the streets of Parintins, specifically in one neighborhood, Paulo Corrêa. Furthermore, this research considered social and linguistic aspects to understand how the phenomenon of linguistic prejudice is embedded in Parintins society, especially in the Paulo Corrêa neighborhood. The study presented the results of research on linguistic prejudice in the Paulo Corrêa neighborhood. The methodology of this research is quantitative, and besides being a case study, it is also fieldwork-based, drawing on theoretical and methodological procedures from sociolinguistics. Data collection for this study was through a questionnaire containing 11 yes-or-no questions. The study included 31 informants, both women and men, aged between 17 and 60. The study was motivated by the curiosity to reflect on linguistic prejudice within Parintins, as well as by the attempt to understand how prejudice exists within daily life in Parintins, especially within the Paulo Corrêa neighborhood. Furthermore, the research sought to contribute academically, as the literature offers little or no studies focused on linguistic prejudice outside of the school environment. Thus, to compose this research, studies by Bagno (2007), Coelho et al. (2010), Andrade et al. (2012), and Calvet (2002), among others, were used.

Keywords: Linguistic Prejudice, Paulo Corrêa, Sociolinguistics, Language, social, prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I: REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1.1. A raiz do preconceito.....	12
1.2. As relações entre preconceito linguístico e outras formas de discriminação	16
1.3. A sociolinguística e o preconceito linguístico.....	19
1.4. O mito do preconceito Linguístico	21
1.5. O preconceito linguístico em Parintins.	24
CAPITULO II: METODOLOGIA	29
CAPITULO III: ANÁLISE E DISCUSSÕES DE DADOS:	36
Considerações Finais	53
Referências Bibliográficas.....	55

INTRODUÇÃO

O preconceito linguístico é uma forma de discriminação baseada nas variedades linguísticas utilizadas pelos falantes, frequentemente associadas a fatores como região, classe social e escolaridade. Trata-se de um fenômeno profundamente enraizado em sociedades que valorizam uma norma linguística hegemônica, em detrimento das expressões plurais e diversas que caracterizam a língua. Esse tipo de preconceito não apenas reforça desigualdades sociais, mas também deslegitima culturas e identidades regionais, criando barreiras simbólicas que afetam as relações sociais e o acesso a direitos básicos (BAGNO, 2021).

Na prática, o preconceito linguístico pode ser observado em situações cotidianas, como na desvalorização de sotaques regionais ou na estigmatização de formas populares de falar. Essa discriminação não se limita ao ambiente informal, sendo reproduzida em instituições de ensino, meios de comunicação e até mesmo em contextos de trabalho. Conforme aponta Calvet (2022), o preconceito linguístico é frequentemente justificado pela ideia de que algumas formas de falar são "erradas" ou "inferiores", ignorando a complexidade e a legitimidade das variações linguísticas.

A questão se torna ainda mais relevante quando paramos para refletir o impacto do preconceito linguístico no nosso cotidiano. Muitas pessoas se sentem desconfortáveis com algo relacionado ao seu modo de falar, a maneira como se expressam, são julgadas e diminuídas e muitas dessas pessoas só param para refletir sobre o que de fato sofreram quando são postas de frente com a realidade, que é o preconceito muitas vezes disfarçado de “brincadeira”. Segundo Bartoni-Ricardo (2021), essas exclusões linguísticas refletem uma visão reducionista da língua, que privilegia a norma padrão em detrimento de práticas linguísticas vivas e dinâmicas.

Além disso, o preconceito linguístico está frequentemente associado a outros tipos de discriminação, como racismo e xenofobia, evidenciando sua interseccionalidade com outras formas de opressão.

Os preconceitos linguísticos, segundo Bagno (2007), baseiam-se na crença de que só existe uma língua portuguesa que faz jus ao seu nome, que é a língua ensinada nas escolas, nas gramáticas e nos dicionários. Do ponto de vista do preconceito linguístico, qualquer expressão linguística que esteja fora deste dicionário de gramática trigonométrica é considerada “errônea, feia, incompleta e falha”.

Preconceito linguístico é uma forma de discriminação social que consiste em julgar o indivíduo pela forma como ele se comunica, seja oralmente, seja por escrito. Sabendo disso, torna-se indispensável o estudo à cerca de um tema atual que está presente em todos os âmbitos de uma sociedade e que se faz presente dia após dia no cotidiano das pessoas. Bagno (2007) aponta para o fato da gramática, que é um produto intelectual de uma sociedade que é bastante machista, aristocrática, escravagista, oligárquica e fortemente hierarquizada, a gramática tradicional toma conta e é adota como modelo e língua exemplar sendo característico de um determinado grupo social.

O que deveria ser visto como uma riqueza linguística, está sendo cada vez mais reputado como um linguajar inferior, levando a ser nítido uma desvalorização do falar parintinense. Vale lembrar que no Amazonas, com destaque principal para o município de Parintins, encontra-se uma diversidade linguística fascinante. Entretanto, torna-se curioso como uma riqueza dessa pode ser vista como algo sem valor ou apenas “engraçado”. Dessa maneira, buscou-se desenvolver este trabalho, procurando refletir de forma mais aprofundada do que vem a ser o preconceito linguístico e de que forma ele interrompe a valorização de uma língua, levando em consideração os aspectos que o envolvem e como se sobressai perante a esses fatores.

Diante do exposto, observa-se que a sociedade precisa de sabedoria para se inovar, e ser capaz de aceitar o diferente. Essa diferença não quer dizer que é inferior, só tem aspectos peculiares, mas toda linguagem, seja ela pouco falada ou universal tem o seu devido valor, não se deve ter comparações, ou menosprezar aquilo que não conhecemos.

O falar caboclo ou de classe mais alta, é perfeito do jeito que é, não precisa ser mudado nem aperfeiçoado, pois a única coisa que muda são as realidades vividas, cada um com sua dificuldade, sendo que muitos não tiveram oportunidade de estudar, mas que sabem fazer cálculos muito bem, ou tem pessoas que são bem vestidas mas não falam o português da norma culta.

Por esses fatores não se deve julgar por aparências, apenas compreender o que está ao nosso redor e o quão valiosa é a linguagem.

Deste modo, essa pesquisa surgiu com o intuito de analisar o preconceito linguístico em um bairro de Parintins chamado Paulo Corrêa, fazendo uso do questionário, para entender como os informantes e moradores do bairro veem seu modo de falar e se eles conseguem observar e refletir sobre a questão da discriminação de seu modo de falar.

Assim, foi realizado primeiramente uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se artigos, monografias e outras formas de pressupostos teóricos para referendar o preconceito linguístico como Bagno (2007), em seu livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* livro que o autor recusa a noção simplista que separa o uso da língua em “certo” e “errado”, o autor analisa oito mitos que são desmitificados e reforça o dever de combater essas estigmatizações.

Com isso, foi preciso ir a campo para coletar informações com 31 informantes do bairro de Paulo Corrêa do município de Parintins, divididos em sexo masculino e feminino, estipulando a idade entre 17 a 60 anos para as mulheres e 17 a 55 anos para os homens.

O objetivo geral desse trabalho é verificar o entendimento da população de Paulo Corrêa sobre o que é o preconceito linguístico e como ele afeta as relações pessoais. Temos como objetivos específicos: i) Investigar de que forma os moradores do bairro de Paulo Corrêa modificam sua fala dependendo do contexto (familiar, escolar, profissional, entre outros); ii) Identificar o nível de conhecimento que os moradores possuem sobre suas próprias práticas linguística e sobre o conceito de preconceito linguístico; iii) Analisar evidências e manifestações de preconceito linguístico dentro da comunidade, verificando seus impactos nas relações interpessoais e na visão que os moradores tem si mesmos e de seus modos de falar.

O presente estudo está dividido em três capítulos: Capítulo I: Referencial teórico, faz-se uso dos teóricos que falam sobre a origem do preconceito, a relação do preconceito linguístico com outros preconceitos, foi discutido sobre como a sociolinguística trata o preconceito linguístico, fala-se sobre os mitos sobre o preconceito linguístico levantado por Bagno, e aborda-se o tema do preconceito linguístico em Parintins. No capítulo II: Metodologia, foi detalhado os métodos utilizados na coleta e análise dos dados. Essa pesquisa tem caráter quantitativo, faz uso dos gráficos para corroboração dos fatos apresentados, usou-se para esse trabalho a pesquisa de campo, com a técnica da aplicação dos questionários. Foram utilizadas 11 perguntas relacionadas a vida dos informantes e o assunto abordado nessa pesquisa. No capítulo III: Análise e discussão dos dados, onde foram analisadas todas as respostas das 11 perguntas feitas no questionário, será feito um paralelo e uma relação com as respostas das informantes femininas, com a respostas dos informantes do sexo masculino, tratando de refletir sobre como o preconceito linguístico é visto por eles e elas no bairro de Paulo Corrêa.

CAPITULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. A raiz do preconceito.

Antes de focar especificamente no assunto tratado nessa monografia, é indispensável discutir sobre a definição de preconceito e seus tipos. Quando se trata de conceituar o termo preconceito, o dicionário define essa expressão como algo ligado ao prejulgamento, é um substantivo masculino que nos remete ao ato de juízo de valor.

Porém, Marcus Eugenio Oliveira Lima em seu livro intitulado “Psicologia Social do preconceito e do racismo” diz que na psicologia social, a definição desse termo é semelhante ao apalramento de um elefante, pois é um desmembramento de ideia e assimilação de conceitos que fazem com que esse termo tenha metades distintas, mas que fazem parte de um só termo. Dessa forma, a luz da psicologia social, “preconceito” tem muitas e diversas definições.

Entende-se portanto, que ao cunhar o termo “preconceito” a psicologia social aborda sua definição como algo entrelaçado ao “apalramento” de cada autor, já que de acordo com Lima (2020, p. 18) “Há muitas e diversas definições, cada uma construída em função de alcance das “apalpadelas” de cada autor [...]”. Assim sendo, o autor aponta ainda que cada qual deles acabaram por ver o fenômeno com as lentes dos contextos sociais, emocionais, históricos e políticos.

Nesse contexto, essa monografia abordará nesse primeiro momento, tendo como base a psicologia social, as várias definições de sentido de termo “preconceito”. Nessa perspectiva, Lima (2020) aponta para o fato da psicologia social ter definições sobre o preconceito formuladas, que tentam destacar os elementos contextuais que fazem parte de sua elaboração e a minoria social alvo (vitima) do fenômeno.

De acordo com Lima (2020) na psicologia social a definição sobre “preconceito” mais adotada por ela é a do psicólogo norte-americano *Gordon Allport* (1897-1967), ele foi o pioneiro no desenvolvimento da teoria da personalidade. Segundo o autor “[...] desenvolveu uma análise muito sistemática e detalhada do preconceito, ainda hoje atual” (LIMA, 2020, p. 19).

Dessa maneira, o preconceito é definido por Allport como sendo uma “[...] atitude hostil contra um indivíduo, simplesmente porque ele pertence a um grupo desvalorizado socialmente” (LIMA, 2020, p. 19). Nessa perspectiva Crochik (1996) outro elemento que

esta entrelaçado ao termo preconceito, é a generalização de características de uma determinada comunidade, sendo esse um elemento que determina o indivíduo de um determinado grupo. Para o autor, as atitudes preconceituosas se dão entre as relações pessoais, através das categorias que permitem a classificação dos indivíduos, sendo essa a experiência individual que se contrapõem aos estereótipos.

Allport em seus textos fala exatamente sobre essa generalização, segundo Lima (2020), em *“the nature of prejudice”* o psicólogo situa seu pensamento ao preconceito étnico, dizendo que essa expressão é entendida pelo autor como uma antipatia generalizada que é falha e inflexível. Sendo essa dirigida a um grupo em específico ou indivíduo que faz parte do grupo.

Para Lima (2020) nessa perspectiva de preconceito pode-se destacar dois pontos, o preconceito como sendo um componente cognitivo e o preconceito como emoção.

Nesta última definição, destaca-se dois aspectos principais: 1) o preconceito como defeito cognitivo (uma generalização seria falha e flexível) e 2) o preconceito como uma emoção (antipatia). O preconceito seria diferente dos julgamentos prévios (pré-conceitos) por ser mais resistente às informações que desconfirmam”. (LIMA, 2020, p. 19)

De certo modo, a afirmação de Allport sobre o fenômeno do preconceito ser algo de competência cognitiva, é de fato legítima, já que está ligado aos estereótipos. Em sua definição, segundo Lima (2020), Allport esquematiza a noção de preconceito enquanto atitudes, destacando-se três elementos: estereótipos, emoções e discriminação.

Para Lima (2020) os estereótipos fazem parte de uma estrutura cognitiva, no qual contém nossos conhecimento e expectativas sobre qualquer grupo humano e também seus membros. De acordo com o autor, os estereótipos na perspectiva sociais, “[...] cumprem funções psicológicas e funções sociais [...]” (2020, p. 21).

Nessa perspectiva, Lima (2020) aponta que as funções psicológicas seriam dar sentidos ao mundo e resguardar valores.

[...] 1) sistematizar e simplificar as informações para dar sentido ao mundo e 2) resguardar os valores do indivíduo, protegendo sua identidade através da manutenção das imagens dos outros grupos. Imagine que você é ateu e irá interagir com uma pessoa sobre qual a única coisa que sabe é que é neopentecostal e muito devotada da religião. O estereótipo associado a essa categoria social lhe permite sistematizar e filtrar os conteúdos da realidade na sua interação social com a referida pessoa e, ao mesmo tempo, proteger os seus valores e identidade. (LIMA, 2020, p. 21)

Dessa forma, as funções psicológicas dentro dos estereótipos dão sentido a um determinado grupo social, do ponto de vista negativo ou até mesmo positivo. Com o intuito de proteger um valor ou identidade de um determinado grupo. Já nas funções sociais, Lima (2020, p. 21) aponta que eles se referem a explicação de acontecimentos sociais, justificam ou legitimam ações de um grupo de pessoas e diferenciam o próprio grupo em relação a outros.

Já para o eixo do preconceito, que leva em consideração as emoções, Lima (2020) destaca um apontamento de Izard, no qual ele fala que uma emoção pode ser entendida como um tipo de sensação que está ligada, em simultâneo com às atividades cognitiva e neurológica. Segundo o autor “Ela deve ser entendida como um processo de múltiplos componentes: cognição, regulação fisiológica, motivação pessoal, expressão motora, sensação e monitorização” (LIMA,2020, p. 21).

Assim sendo, o “preconceito” na estruturação de Allport está ligado também às emoções, que podem ser tanto negativas quanto positivas. Um determinado grupo, por exemplo, com um determinado estereótipo, pode causar uma determinada reação em outro grupo, essa pode ser de nojo, alegria, orgulho ou repulsa. Essa emoção depende do contexto empregado e dos grupos empregados. Como aponta Lima (2020):

De acordo com as teorias que abordam emoções intergrupais (i.e., aquelas sentidas na interação/relação com outros grupos ou categorias sociais), os encontros com pessoas de outros grupos despertariam certas emoções em nós, por exemplo, medo, raiva, ressentimento, nojo, orgulho etc. Essas emoções desencadeariam ações tais como discriminação, evitação e fuga (MACKIE, MAITNER, & SMITH, 2009 apud LIMA, 2020, p. 22)

Evidentemente, apesar de ser um pensamento bem atual, os pensamentos de Allport recebem algumas críticas, em relação a não menção às características físicas ou culturais que diferenciam ou são usadas para separar membros de um grupo de outro grupo.

EAGLY e DIEKMAN (*apud* LIMA, 2020) aponta para o fato de o preconceito ser uma atitude-em-contexto. Segundo Lima (2020) preconceito só torna-se agressivo quando o outro grupo ou indivíduo da minoria começa a ameaçar a posição de outro grupo de uma maioria.

Em muitas formas de preconceito, atitudes pseudopositivas convivem com a hostilidade e antipatia. É o caso de formas mais “benevolentes” de sexismo e de ageísmo (preconceito contra idosos), que expressam atitudes paternalistas de domínio “docilizado” do outro (JACKMAN *apud* LIMA, 2020, p. 23).

Outro ponto de vista trazido por Lima (2020) é de Herbert no qual afirma que o preconceito tem sua raiz no senso de posição grupal, que segundo o autor, seriam quatro tipos de postura dos dominantes face ao dominados, que seriam “a) sentimentos de superioridade; b) sentimento de que os dominados são intrinsecamente diferentes – *aliens*; c) sentimento dos dominantes de serem os legítimos donos de determinados privilégios e vantagens; e d) medo e desconfiança de que os dominados ameacem sua posição de domínio” (LIMA, 2020, p. 24). Essas quatro posições só ratifica e mantém a posição dos dominantes, dando a eles superioridades e mantém os dominados abaixo.

Com base nessa perspectiva de posição grupal, Pierre de Bourdieu, segundo Lima (2020) aponta que essa teoria pode ser entendida como uma classe inconsciente, sendo essa uma coisa maior do que a consciência de classe do marxismo. De acordo com o autor, essa noção tem impacto não só na aceitação pela minoria, mas na dominação de uma classe dominante, ou seja, levam os indivíduos a perceberem e aceitarem o mundo que fazem parte.

O senso do lugar de alguém, define o que alguém pode ou não pode “permitir-se”, implicando uma aceitação tácita do lugar, um senso de limites (“o que não é para nós”), é o equivalente a uma sensação de distância, a ser marcada e mantida, respeitada ou esperada. (BOURDIEU, *apud* LIMA, 2020, p. 25)

Outra definição acerca da terminologia da expressão “preconceito” dentro da psicologia social vem de Brown, que procurou ampliar as definições do psicólogo Allport, em seu livro Brown “[...] incluindo além de aspectos cognitivos, os afetivos e comportamentais” (LIMA, 2020, p. 25). Segundo Lima (2020) para Brown, o preconceito expressa atitudes sociais ou crenças depreciativas, exibindo afetos negativos e comportamentos hostis ou discriminatório em relação aos membros de um determinado grupo ou indivíduos pertencentes a um grupo em específico.

Já na perspectiva do próprio autor, o preconceito não é o processo de construção da identidade ou o processo de categorização que geram discriminação. Lima (2020) aponta que “parece ser bastante plausível é que estes processos reflitam as relações sociais onde ocorrem e que, conseqüentemente, as legitimem, quer através da idealização do endogrupo, quer através da construção de uma imagem negativa sobre exogrupos relevantes” (LIMA, 2020, p. 26)

Diante do exposto, pode-se inferir que o conceito de “preconceito” é um termo que está ligado a questões sociais, culturais e cognitivas. Dentro da perspectiva social, conceituar torna-se complicado, pois baseia-se em autores que se debruçaram ao apontar

quais elementos que fazem parte do termo. Conceituar o “preconceito” vai além da definição de um pré-julgamento, é detalhar e analisar os contextos que estão por trás desse fenômeno, nesse sentido, trataremos nessa monografia sobre o preconceito no contexto sociolinguístico, envolvendo elementos que determinam as variantes de um preconceito que hoje é recorrente.

1.2. As relações entre preconceito linguístico e outras formas de discriminação

O preconceito linguístico não atua isoladamente; ele frequentemente está entrelaçado com outras formas de opressão, como racismo, xenofobia e o preconceito de classe. A desvalorização de formas linguísticas associadas a comunidades negras ou indígenas, por exemplo, reflete uma hierarquização cultural que marginaliza esses grupos em múltiplas dimensões.

Essa interseccionalidade é evidente no contexto educacional, onde alunos de grupos étnicos marginalizados enfrentam barreiras adicionais por utilizarem variedades linguísticas que não correspondem à norma padrão. Essa exclusão linguística é frequentemente acompanhada por outras formas de discriminação, como estereótipos sobre a capacidade intelectual ou o comportamento desses alunos. Ao ignorar a pluralidade linguística presente nas salas de aula, o sistema educacional contribui para a perpetuação de desigualdades estruturais (BORTONI-RICARDO, 2021).

No mercado de trabalho, as interseccionalidades entre preconceito linguístico e racismo também são evidentes. Falantes de variedades linguísticas associadas a comunidades negras enfrentam não apenas barreiras linguísticas, mas também preconceitos baseados na cor da pele e na origem social. Essa sobreposição de discriminações reduz ainda mais suas oportunidades e reforça as desigualdades existentes, conforme discutido por Calvet (2002).

O preconceito linguístico, ao se conectar com outras formas de discriminação, como o racismo, o preconceito de classe e a xenofobia, revela a profundidade de suas implicações sociais. Em contextos raciais, a desvalorização de variedades linguísticas frequentemente utilizadas por comunidades negras reflete uma tentativa histórica de silenciamento cultural. Essa prática, muitas vezes reforçada em ambientes institucionais, associa negativamente a forma de falar à cor da pele, reforçando estereótipos raciais e dificultando o acesso igualitário a direitos básicos (BORTONI-RICARDO, 2021).

O racismo linguístico é uma manifestação direta desse entrelaçamento. Em países marcados pela desigualdade racial, como o Brasil, o uso de expressões ou sotaques associados a populações negras é frequentemente deslegitimado, tanto em contextos formais quanto informais.

No âmbito da xenofobia, o preconceito linguístico é evidenciado na rejeição a sotaques e expressões utilizados por imigrantes. Essa discriminação é particularmente visível em países que recebem fluxos migratórios significativos, onde os falantes não nativos são frequentemente estigmatizados pela suposta "incapacidade" de dominar a língua local. Calvet (2002) aponta que essa prática não apenas marginaliza os imigrantes, mas também reflete uma visão reducionista sobre o aprendizado de línguas, ignorando os desafios e os processos de adaptação cultural envolvidos.

As interseções entre preconceito linguístico e o preconceito de classe também são amplas. A desvalorização de variedades linguísticas populares está diretamente relacionada a preconceitos contra as classes economicamente desfavorecidas. Falantes de registros associados a comunidades de baixa renda frequentemente enfrentam discriminação em processos seletivos e ambientes profissionais, onde sua forma de expressão é vista como um marcador de incompetência ou falta de sofisticação.

O preconceito linguístico também está intrinsecamente ligado ao gênero, especialmente no que diz respeito à imposição de normas de fala a mulheres. Em muitos contextos, espera-se que as mulheres utilizem uma linguagem "mais educada" ou "mais polida", enquanto desvios dessas expectativas são vistos como inadequados ou transgressivos. Para Bortoni-Ricardo (2021), essa imposição linguística reflete a tentativa de controlar a expressão feminina, limitando sua autonomia e reforçando estereótipos de gênero.

Em comunidades indígenas, o preconceito linguístico frequentemente se manifesta na desvalorização das línguas nativas. Essa exclusão reflete uma lógica colonial que deslegitima as culturas indígenas e tenta impor a hegemonia da língua dominante. Para Calvet (2022), o reconhecimento e a valorização das línguas indígenas são passos fundamentais para a reparação histórica e para a promoção da diversidade cultural.

No ambiente educacional, as relações entre preconceito linguístico e outras formas de discriminação são particularmente evidentes. Alunos de comunidades racializadas ou economicamente marginalizadas frequentemente enfrentam múltiplas barreiras, tanto

linguísticas quanto sociais, que comprometem seu desenvolvimento acadêmico. A desvalorização de suas variedades linguísticas contribui para a exclusão educacional e reduz as oportunidades de mobilidade social.

O preconceito linguístico também reforça a exclusão digital, ao deslegitimar as formas de expressão utilizadas em ambientes virtuais por jovens de comunidades marginalizadas. A vigilância sobre a linguagem digital, muitas vezes mascarada como preocupação com a norma, ignora o caráter criativo e dinâmico dessas interações e reproduz preconceitos sociais existentes.

As manifestações culturais, como música e literatura, também são afetadas pelas interseções entre preconceito linguístico e outras formas de discriminação. Obras que utilizam registros linguísticos regionais ou populares frequentemente enfrentam resistência no mercado editorial e entre críticos culturais, que privilegiam expressões alinhadas à norma padrão. Essa exclusão limita a diversidade cultural e reduz a representatividade de vozes marginalizadas (CALVET, 2002).

Outro aspecto importante é a relação entre preconceito linguístico e acessibilidade. Pessoas com deficiências que afetam a fala frequentemente enfrentam discriminação adicional, tanto por suas condições quanto pela forma como se expressam. Para Bortoni-Ricardo (2021), o preconceito linguístico nesse contexto é uma violação dos direitos fundamentais e reflete a falta de compreensão sobre a diversidade das experiências humanas.

No ambiente corporativo, as interseções entre preconceito linguístico e classismo são evidenciadas na forma como a norma padrão é utilizada como critério de avaliação de desempenho e potencial. Funcionários que utilizam variedades não normativas frequentemente são relegados a posições subalternas, independentemente de suas qualificações ou habilidades técnicas.

No campo jurídico, a desvalorização de variedades linguísticas pode comprometer a defesa de indivíduos que não utilizam a norma padrão. Testemunhas e réus que se expressam em registros populares frequentemente enfrentam maior dificuldade para serem compreendidos e levados a sério, o que compromete a equidade nos processos judiciais.

No contexto internacional, o preconceito linguístico e a xenofobia frequentemente se manifestam em debates sobre imigração e políticas de integração. Imigrantes que não dominam a língua oficial do país de acolhimento são frequentemente excluídos de oportunidades sociais e econômicas, enquanto suas línguas nativas são desvalorizadas. Para Calvet (2022), essas práticas refletem uma visão monolíngue que ignora a riqueza do multilinguismo e da interculturalidade.

Por fim, o preconceito linguístico é uma ferramenta poderosa de exclusão social, pois atinge diretamente a identidade e a dignidade dos indivíduos. Ele opera como um mecanismo de reforço de hierarquias sociais, culturais e econômicas, perpetuando desigualdades e limitando as possibilidades de mobilidade social. A superação desse fenômeno exige uma abordagem interdisciplinar e interseccional, que reconheça e valorize a pluralidade linguística como um elemento central da diversidade humana (BORTONI-RICARDO, 2021).

1.3. A sociolinguística e o preconceito linguístico.

A sociolinguística prega o fato de a língua estar intimamente ligada ao social e ao contexto do falante, sendo ela uma reunião de falares que dão à língua um caráter heterogêneo. A sociolinguística baseia-se em uma abordagem mais social da língua que explica as motivações das interações e variações da língua, baseado em contexto extralinguístico, valorizando a comunidade falante e o indivíduo.

A sociolinguística constata que dentro das próprias línguas não existem uma homogeneidade, ou seja, os próprios indivíduos pertencentes a um grupo linguístico, têm sua forma de falar, seu sotaque, sua expressão linguística que o individualiza.

Para a sociolinguística a variação é inerente à língua. Segundo Coelho *et al* (2010) as variações em nada se misturam e modificam as línguas, nem impossibilitam a interação e compreensão dos falantes de determinado grupo. Nesse sentido, tratar as variedades como algo presente na língua é retomar a necessidade de observar os “erros” cometidos por indivíduos como uma possível variação que está ligada a um fator extralinguístico, ou seja, social, já que essas variações não comprometem em nada a compreensão.

De fato, palavras ou construções em variação, em vez de comprometerem o mútuo entendimento, são ricas em significado social, e têm o poder de comunicar a nossos interlocutores mais do que o significado representacional pelo qual “disputam”. As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certa forma, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre (i) o local de onde viemos, (ii) o quanto estamos inseridos na cultura

letrada dominante de nossa sociedade, (iii) quando nascemos, (iv) com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações. (COELHO *et al.*, p. 25)

Segundo Coelho *et al* (2010), Labov encara a realidade da estratificação da língua e declara e reconhece que há um julgamento social que é de cunho consciente e inconsciente sobre a língua. Segundo a autora, Labov leva em conta o nível de consciência que o indivíduo falante tem sobre determinadas variantes. Fazendo a distinção dessas variantes em elementos dos estereótipos, que são marcadores conscientes que levam a mudança rápida de variantes estigmatizadas. Outro elemento são os marcadores que se relacionam a estratificação da sociedade, que de certa forma são inconscientes e estão ligados ao que é “certo” e ao que é “errado” na língua. O último elemento consiste nos indicadores, elementos como idade, região, grupos sociais que de certo modo estão ligados as estratificações sociais, e ligadas a variação estilística, sem muita força avaliativa.

Coelho *et al* (2010) apontam a discussão do preconceito linguístico como um fenômeno social que surge a partir da constatação das variedades da língua, e da relação dela com a sociedade. Segundo a autora, preconceito linguístico é “[...] julgar falantes ou grupos inteiros em um comunidades pelas formas linguísticas que empregam (e essas formas geralmente são as que se afastam do padrão)” (COELHO *et. al.* 2010, p. 35).

É importantíssimo levar em consideração a estratificação da sociedade, pois é ela que usufrui da língua e molda sua fala de acordo com seus interesses, então de modo direto e indireto e ela que acaba por determinar o que é certo e o que errado na língua. Bagno (2007) aponta para o fato da noção do erro, dentro da língua, nasce da mesma concepção de “certo” ou “errado” da sociedade. Assim, essas noções de classificação surgem justamente da noção de mundo, de juízo de valor, crenças e ideologia de uma determinada sociedade. Mas assim como a língua essas regras e ideias sofrem com a ação do tempo, mudando de acordo com ele.

O argumento é que há, em uma língua, construções corretas e incorretas, melhores e piores, e que os falantes que “erram” em suas escolhas ao falar e ao escrever são, conseqüentemente, também imperfeitos, pessoas que ou desprezam ou que têm dificuldade em atingir o nível em que só se empregam as construções aceitáveis/corretas. A aceitação dessa ideia, e da noção de erro no uso linguístico que está por trás dela, autoriza a exclusão social gerada pelo preconceito linguístico – uma exclusão que, em muitos casos, é bastante dura. (BAGNO, 2007, p. 24-25)

Evidentemente é notório que a sociolinguística não determina o que é certo e errado na língua, não cabe a ela o papel de dizer que tal fala é certa. Diferentemente da

sociolinguística, a gramática é que tem esse papel, porém não leva em conta os diferentes falares, pois justamente é um produto social que busca determinar uma norma padrão de fala, esse produto que está nas mãos das elites mais nobres de qualquer comunidade falante.

Como aponta Bagno (2007) a norma culta é algo reservado a poucas pessoas no Brasil, e é um privilégio que está intimamente ligada a uma estratificação dentro da sociedade. Como aponta o autor em alguns de seus mitos sobre o preconceito linguístico a gramática não deve ter um papel fundamental no julgamento do certo e do errado, mas como inevitavelmente ela “passou a ser um instrumento de poder e de controle” (Bagno, 2007, p. 59), os falantes ficaram subordinados à concepção de que eles precisam da gramática para falar bonito e correto.

Ao observarmos a língua como um fator multiplural e que contrasta com a gramática normativa padrão, é possível determinar que os elementos das variantes presentes nas falas de grupos marginalizados, minorias e afins, são elementos que compõem a cultura e história desses grupos. Que aceitar a exclusão, acarreta no preconceito linguístico, que minimiza e oculta a fala não-padrão, que é a base do português falado cotidianamente.

Para Coelho *et al* (2010), com a sociedade estratificada em classes, o preconceito é momentaneamente difundido e amparado, mesmo indiretamente ou inconscientemente, pelas mídias sociais, jornais, revistas, novelas e etc. O preconceito linguístico segundo a autora, segue firme e sem ser percebido como tal, de fato, acreditamos, muito por conta da grande propagação da mídia, que nosso falar é incorreto e todo errado, e muitos acreditam que são incapazes de se expressar, justamente porque falam a língua toda errada.

Nesse sentido, em contra posição a noção do “erro”, de acordo com Bagno (2007) a ciência linguística oferece justamente a concepção de mudança e variação. Diferentemente da gramática tradicional, a sociolinguística tenta construir a identidade heterogênea da língua, mas não só isso, acaba reconhecendo que a língua como uma realidade intrinsecamente variável e mutante, levando em consideração a relação social da língua em uma sociedade extremamente dinâmica e multifacetada.

1.4. O mito do preconceito Linguístico

Segundo Andrade, Santana e Ribeiro (2012), a língua portuguesa apresenta um dos mais sérios dentre os mitos, que pode ser prejudicial à educação e não reconhece que o português falado no Brasil é bem diversificado, nesse sentido, o preconceito está atrelado a várias questões que vão da imposição de uma norma culta, às diferenças de classe social, status e contextos que são extra língua.

Por esse sentido, o preconceito linguístico é explicado por essas diferenças que muitos insistem em não ver. Para Andrade, Santana e Ribeiro (2012) a diferença de status social no Brasil, explicam a existência do verdadeiro abismo linguístico entre os falantes da variedades não-padrão do português brasileiro falado por maior parte da população brasileira, e da variedade formal ou culta que é ensinado na escola.

De acordo com Marcos Bagno (2007) fica claro quando o próprio falante faz uso de afirmações muitas vezes negativas de sua forma de falar. Para o autor, há afirmações que são bem-intencionadas, mas ainda compõem, aquilo que ele chama de “preconceito positivo”, que se afasta de uma realidade.

Segundo Marcos Bagno (2007) esse preconceito muitas vezes é alimentado diretamente pela televisão em programas de TV e de também pelos rádios, colunas de jornais e revistas, em livros e manuais que tentam ensinar o que é “certo” e o que é “errado na língua.

Não é tão difícil de encontrar alguns brasileiros que saem dizendo por aí que no Brasil não sabe falar português, e que em Portugal se fala bem e corretamente essa língua. Ou se diz que o único lugar que falam corretamente o português é no Maranhão ou no Pará.

Marcos Bagno (2007) aponta para o fato dessa afirmação ser uma análise preconceituosa e desinformada sobre a língua falada no território brasileiro, segundo o autor essa é uma afirmação errada que é perpetuada ao longo de séculos e séculos. Nessa perspectiva, o autor afirma que isso é uma grande bobagem e o brasileiro sabe sim falar o português, mas ele explica que nosso português é completamente diferente do falado em Portugal, “Quando dizemos que no Brasil se *fala português*, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal” (BAGNO, 2007).

Evidentemente, na língua falada, há diferenças entre o português falado em Portugal e o falado por nós brasileiros, diferenças essas que as vezes não conseguem ser

compreendidas pelos próprios falantes. Segundo Andrade, Santana e Ribeiro (2012) a única unidade de nível de igualdade entre o português falado no Brasil e o de Portugal, é a língua escrita, já que a ortografia é praticamente a mesma, tendo poucas diferenças.

Nesse ponto de vista, nenhuma das línguas é certa ou errada, mais bonita ou mais feia, são perspectivas diferentes, que atendem uma ou outra necessidade linguísticas das comunidades falantes, que as usam, para necessidades diferentes.

Para Bagno (2007) o preconceito baseia-se na crença de que existe uma única língua portuguesa digna, que seria a língua ensinada na sala de aula, porém não é verdade. A língua em questão não considera aquelas línguas que escapem do triângulo “escola-gramática-dicionário” é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que isso não é português” (BAGNO, 2007, p. 38).

Um exemplo. Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de I em R nos encontros consonantais como em Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim. Ora, estudando cientificamente a questão, é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” dos falantes “ignorantes” do português, mas simplesmente de um fenômeno fonético que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão. (BAGNO, 2007, p. 38)

De certo modo, esses desvios linguísticos que saem do espaço da norma padrão, são considerados parte de uma língua que se mostra estar em constante transformação, a invisibilidade desses elementos só reforça ainda mais que o preconceito linguístico está atrelado a dominação de uma certa classe social. Segundo Bagno (2007) existe não só preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, mas também existe preconceito contra as falas características de certas regiões do Brasil:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada [pg. 43] nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. (BAGNO, 2007, p. 8)

Segundo Bagno (2007) esses múltiplos falares são vistos como imperfeitos e mal julgados, muitas vezes segundo o autor, o nordestino é representado com um arremedo de fala, e isso representa uma atitude de marginalização e exclusão do falar. O mesmo acontece com a região norte do país.

Para Andrade, Santana e Ribeiro (2012) todo falante sabe o uso de sua língua, sabe dar sentido ao mundo em sua volta, significa, reconhece intuitivamente e emprega com

naturalidade as regras básicas de sua língua. Para eles a cobrança indevida do ensino tradicional, não corresponde a uma realidade da língua que é falada por nós brasileiros. Nesse sentido, eles apontam para uma mudança, para o uso de novas abordagens e métodos para trabalhar essa diversidade.

1.5. O preconceito linguístico em Parintins.

Nas ruas de Parintins, assim como em grande parte do nosso país, falar bonito é falar de acordo com as normas da gramática. Um dos motivos pelos quais o preconceito linguístico cresce é o fato de muitas pessoas não aceitarem que o outro fale diferente, ou seja, há um estranhamento, em que se você fala diferente, as vezes ou é visto como inferior ou é ironizado pelo seu jeito de falar.

Torna-se inaceitável, porém como já foi ressaltado, as expressões ou variações nasceram tempos atrás por motivos históricos geográficos ou sociais, ou seja, há uma história, em que cada família possui uma tradição, um caminho percorrido para ter o que se tem hoje, torna-se uma herança, ou do lugar que se convive, em que o meio influencia o indivíduo, ou simplesmente porque foi aquela linguagem que o indivíduo aprendeu desde que nasceu.

Pela constante evolução, a língua oferece tanto a linguagem informal quanto a linguagem formal, no entanto, tanto uma quanto a outra se encontram dentro dos mecanismos de comunicação, a única diferença são as formas com elas são utilizadas pelos falantes.

Entende-se por língua, um instrumento de comunicação que possibilita a interação e a compreensão entre indivíduos, sendo composta por regras que facilitam o manuseio desse instrumento complexo. No caso da língua portuguesa, existe a gramática normativa. No entanto faz-se distinção entre fala e escrita, linguagem formal e informal.

A linguagem formal é aquela usada em ocasiões que se necessite o uso da norma culta; a linguagem não-formal é aquela usada em ocasiões que é desnecessário o uso de determinadas formalidades. Mas isso tudo não torna desigual a língua que falamos: o Português. A língua portuguesa diferencia, como as demais línguas, a fala da escrita. (ANDRADE et. al, 2012, p. 02)

Pode-se perceber através disso que, a língua é um mecanismo de comunicação social que abrange modalidades, ou seja, não é a mesma para um todo, possui um conjunto de regras para a escrita, entretanto, nem sempre funciona para a modalidade de fala.

Um dos princípios das variedades da língua é a dinamicidade; a língua muda e varia ao longo do tempo, de região para região, de homem para mulher, de pessoa escolarizada para analfabeta, criam-se modos característicos de fala e expressões, tal como o linguajar Parintinense. Conforme explica ANDRADE:

Desta forma, não se pode dizer que uma pessoa analfabeta não sabe o português, pois se não o soubesse não falaria fluentemente esta língua, nem conseguiria comunicar-se. Um analfabeto não conhece a escrita portuguesa, mas conhece a língua portuguesa. Há de se considerar que esta pessoa conhece apenas uma parte da língua que se fala, o que prejudica no seu convívio com a comunidade pelo fato de conceder prestígio social apenas àquelas pessoas que dominam a norma culta. (ANDRADE et. al, 2012, p. 02)

Dessa forma, é importante destacar que mesmo existindo um padrão a se seguir, ou o que se é exigido que é a norma culta da língua portuguesa trazida pela gramática normativa, deve-se levar em consideração também, que existem outras formas de comunicação, podem ser vistas como erradas por não estarem dentro do limite aceitável, mas são compreendidas pelos seus falantes, portanto continua fazendo parte do português.

Diante disso, tal como afirma Bechara:

é necessário promover a educação linguística com a possibilidade de o aluno desenvolver os devidos conhecimentos, enriquecendo sua percepção linguística com relação à fala, ou seja, saber mais sobre os aspectos do “falar”, como se expressar. Os sistemas de ensino deverão reformular suas formas didáticas metodológicas e curriculares de repassar os conteúdos referentes à linguagem. (BECHARA apud Garcia, 2017, p. 03)

Diante disso, o autor propõe uma realidade que possa se adequar ao contexto em que cada cidadão se insere, pois a escola segue os parâmetros curriculares que impossibilita o aluno de conhecer um pouco mais sobre as variações que a língua possui, podendo ver dessa forma, o seu falar como incorreto, e a partir disso começa a surgir o que se conhece como preconceito linguístico. Como afirma BAGNO:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. (BAGNO, 2007, p. 10)

Esse preconceito é alimentado dia após dia em todos os lugares, abordando sempre o certo e o errado, ou seja, o que se tem na regra é o certo e o que veio depois é fora do padrão, o incorreto.

Louis-Jean Calvet (2002) em sua obra Sociolinguística uma introdução, aponta para algumas questões. Ele cita que desde muito tempo já havia estereótipos da língua, em que a língua começou a se subdividir em Língua como Nação e dialetos e Patoás como

tribos. A língua por sua vez trazia uma visão de civilidade, já os dialetos e Patoás uma visão selvagem, é a partir disso, que surge o falar certo e o errado, ou seja, tudo o que estivesse conforme a Língua seria o certo, bonito ou ideal, e fora dele seria feio ou errado, tal como os dialetos.

Ele faz menção a dois lugares como exemplo, na França encontraria uma língua pura, logo vista como algo bonito, essencial, já São Luís do Maranhão no Brasil, teria uma mistura de sotaque desagradável com algumas variações aceitáveis. Com relação a isso ele dá dois tipos de consequência “uns se referem a como os falantes encaram sua própria fala e como os outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros, em um caso se valorizará sua prática linguística (...) noutra as pessoas serão julgadas pelo seu modo de falar.” (Calvet, 2002. P.69).

Em sua breve pesquisa Calvet chegou a duas conclusões, 40% das pessoas que praticavam a pronúncia prestigiosa tinham tendência subavaliar sua própria pronúncia e 16% dos que praticavam a pronúncia desvalorizada tendiam a superavaliar a própria pronúncia.

Já com o cruzamento da variável sexo, verificou -se que as mulheres se autodefinem como usuárias das falas mais prestigiosas sem realmente o serem. Isso mostra que os homens não sentem tanta necessidade de questionar seu modo de falar tal como as mulheres. Isso gera o conceito binômio de segurança/insegurança linguística.

Em outras pesquisas remete muito questões de inaceitabilidade, mediante à atitudes positivas e negativas em relação à pronúncia, na Costa Rica por exemplo, a palatização do /r/ é visto para os espanhóis como uma pronúncia vulgar, pronúncia de camponês, um regionalismo feio, ou uma deficiência anatômica que pode ser encarada como um racismo potencial.

É nítido nessas questões o preconceito, pois para eles é algo que os deixa inferior à outras línguas, mas como já observamos, na maioria das vezes quem mais questiona o modo de falar são os que mais não tem conhecimento suficiente à cerca de sua própria língua. Para eles existe em algum lugar um modo certo e prestigioso da pronúncia, desconsiderando assim, seu próprio modo de falar, por conta de uma extrema diferença social.

Quanto à hipercorreção ou hipocorreção, Calvet (2002. P.80) afirma: “São estratégias que se deixam ler nos discursos, mas que tem uma outra função, uma função social. É principalmente nesse contexto que se encaixa a insegurança dos falantes em relação à pronúncia correta de sua língua.” Labov (*apud* SANTOS, 2016. P. 1) “[...] constata-se que a língua deve ser estudada levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação da língua.”

Deve-se levar em consideração que a língua não é homogênea, portanto, está sempre em evolução, em função disso, relevar o fato social é dar destaque para os elementos extralinguísticos que podem contribuir, modificar, alterar o modo de como a língua se manifesta dentro de uma comunidade ou sociedade. O preconceito linguístico é um fator social e principalmente linguístico, sendo necessário analisá-lo considerando suas perspectivas sócias e linguísticas.

Dessa forma, o preconceito linguístico segundo Mollica (*apud* Salomão, 2011) o preconceito linguístico tem sido um ponto bastante debatido na área da sociolinguística, uma vez que se nota ainda a predominância de “práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado”, que tomam como referência o padrão culto. Para a autora, os estudos sociolinguísticos “oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima”.

Conforme estudos locais, as autoras Quara e Justiniano, em seu artigo “Estudos dialetológicos no Amazonas” (2010) o estudo no Amazonas apresenta uma dificuldade maior, devido à adversidades causadas por fatores externos, tais como a infraestrutura.

Um dos estudos importantes contidos no artigo foi o alteamento do /o/ em posição tônica nos municípios de Itacoatiara e Silves:

“Desenvolvido por Hidelvídia Correa (1980), O falar do ‘caboco’ amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves buscou caracterizar o falar amazonense, enfatizando, principalmente, as expressões semânticas peculiares utilizadas na região e um aspecto fonético até então só encontrado no estado alçamento da vogal posterior /o/ em posição tônica.” (Correa *apud* Quara et al. 2010. P. 2)

E conforme esses estudos, foi concluído que: “o alteamento das vogais médias /e/ e /o/ tanto em posição tônica quanto em posição átona (a exemplo de boa e bolo, pronunciadas na região como /bua/ e /bulu/, respectivamente), além do fenômeno de

abaixamento do fonema /u/ realizado /o/ (como as palavras tudo e mundo, pronunciadas como /todu/ e /mõdu/, respectivamente) e da redução dos ditongos /ey/ e /ow/. “ (Correa apud Quara et al. 2010. P. 2). Mas isso pode mudar conforme outras regiões, pois cada município tem suas características peculiares.

Já em Parintins, juntamente com outros municípios o estudo focou a pronúncia do -S pós-vocálico. Variantes pós-alveolares de -S pós-vocálico, não incorporada ao Atlas Linguístico pelo fato de se considerar prematuro. O estudo constatou que as regiões apresentam aspectos linguísticos diferenciados:

“A evolução dos estudos de cunho dialetológico no estado do Amazonas se dá na medida em que pesquisadores saem a campo em busca da ampliação do número de localidades investigadas, havendo, no nível de mestrado, melhores condições para a coleta de dados, muito difícil em relação ao tempo e ao alto subsídio financeiro necessários à sua realização para ser desenvolvida na iniciação científica.” (Quara et al. 2010. P. 5).

É grandioso avaliar que apesar de todas as dificuldades sofridas pelos pesquisadores, a riqueza de detalhes em todos os trabalhos é algo muito motivador, pois é primordial para descrever o que se passa em cada etapa da coleta de dados. “Passados trinta anos da elaboração do primeiro trabalho de natureza dialetal que buscou caracterizar O falar do “caboco” amazonense (CORREA, 1980), constata-se que a pesquisa dialetológica no Amazonas vem passando por contínua evolução, não só o sentido do crescimento do número de estudos realizados, mas também na questão teórico-metodológica, tal como vem também evoluindo a Dialetologia brasileira” (Quara et al. 2010. P. 8).

Mesmo com essas pesquisas indispensáveis para o crescimento de estudos de campo no Amazonas, ainda é muito tímido essas práticas, obviamente outros fatores negativos acabam por dificultar e atrapalhar o processo de pesquisa, com isso, vemos que ainda está constante evolução, ainda há muito o que fazer, muito caminho para percorrer, mas ao final irá valer a pena, pois a conclusão deste trabalho irá não só ajudar os veteranos nesse caminho, como também novos pesquisadores, com desejo de conhecer melhor a língua e suas variedades.

CAPITULO II: METODOLOGIA

Essa monografia buscou analisar o preconceito linguístico tendo como centro o Bairro de Paulo Corrêa, no município de Parintins. Buscou-se também analisar aspectos que contribuem para esse preconceito linguístico, a pesquisa buscou problematizar o fato de que a língua é constituída por variações linguísticas e que estas devem ser respeitadas. Além disso, a pesquisa discutiu os reflexos do preconceito linguístico na sociedade parintinense, especificamente na comunidade do bairro de Paulo Corrêa.

A comunidade de estudo da pesquisa é Parintins, ilha que primeiramente foi habitada por povos indígenas, como Tupinambarana, Mundurucu, Sateré-Mawé, Uapixana, Tupinambá, Parintintin. Segundo, Farias (2010), foram os primeiros habitantes da então ilha, antes mesmo da colonização da Amazônia pelos portugueses, a história de Parintins começa partindo dos nativos.

Passando pelas missões jesuítas que catequizaram os nativos, dando início a primeira comunidade chamada Vila Nova da Rainha, surgindo em 1796. Em 1853, município e vila foram instalados, 1958 foi elevada à comarca com o nome Parintins, por emenda parlamentar. Sendo elevada à categoria de cidade em 30 de outubro de 1880, com o nome de Parintins, recebendo esse nome em homenagem aos indígenas Parintintin.

A cidade se localiza à 370 km de distância da capital Manaus, e segundo dados do IBGE (2022) a população é estimada em 101.956 pessoas, tendo taxa de escolaridade de 6 a 14 anos de 93%, tendo percentual de IDHM de 0,658 em 2010. Parintins tem área territorial de 5.956,048 km². A população no último Censo, segundo dados do IBGE (2022) é de 96.372 pessoas, com o PIB per capita de 12.255,21 reais.

Como manifestações culturais temos os Bois bumbás Garantido e Caprichoso, mas também as pastorinhas, o carnailha e a festa em honra a Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade. Manifestações que fomentam o turismo, principalmente o Carnailha, Festival e a festa do Carmo.

O Bairro de Paulo Corrêa, por conseguinte, nasceu de uma série de ocupações, movimentos que tiveram como justificativa o crescente aumento demográfico e a falta de áreas para se morar em Parintins, de acordo com Andrade e Vasconcelos (2014), o bairro surge em 1997, com essa justificativa, foi a segunda ocupação nas terras do senhor Paulo Corrêa, o nome desse bairro, segundo os autores, foi dado por conta de um dos líderes da ocupação, e com intuito também de homenagear o antigo dono das terras, onde hoje se localiza os bairros.

De acordo com o jornalista Vinicius Bellchior (2023), do portal “Jornalismo Parintins”, baseando-se em números do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, o bairro lidera o ranking populacional no município de Parintins, fazendo parte, junto com o Bairro de Palmares, dos bairros mais populosos de Parintins. O autor aponta para o fato do bairro ter cerca de 23.666 habitantes, que se mudaram com o intuito de ocupar as terras para garantir uma vida no município.

Assim como todas as ocupações, o bairro de Paulo Corrêa passou por séries de problemáticas que foi desde reintegração de posse da fazenda, até confrontos de moradores com a polícia. Segundo Bellchior (2023) o morador José Ziraldo, revela que mesmo com a decisão da justiça, alguns moradores permaneceram no local e enfrentaram as forças policiais, segundo o morador, eles tiveram muita dificuldade para lutar e tiveram assistência até da igreja católica, tendo como representante o Bispo Dom Gino Malvestio. Apesar disso, os moradores, tendo o apoio de políticos conseguiram se manter no local e tiveram que conviver com precariedade de um bairro ainda em formação. A compra definitiva do bairro aconteceu em 2002.

Esse processo de venda e compra das terras do bairro, ocorreu sobre o artigo 66 da Lei Orgânica do Município de Parintins, sendo o valor pago de 400 mil reais ao antigo proprietário. Assim a Prefeitura comprou do proprietário as terras invadidas, fazendo doações no mesmo ano aos moradores do bairro. Para tanto foi necessário todo um trâmite legal, através do Setor de Terras e Cadastro que cedeu o título definitivo aos interessados, pela lei municipal nº 09180 de 20/11/80 e com o regulamento de Terras Patrimoniais em vigor, do dia 18 de setembro de 2002. (BELLCHIOR, 2023)

Nesse sentido, essa pesquisa trabalhou na problemática do preconceito linguístico ser um problema a ser enfrentado pelos moradores da comunidade do bairro de Paulo Corrêa, pois é um bairro periférico da cidade de Parintins, sendo eles um bairro mal visto por moradores de áreas centrais do município. Trabalhando com três hipóteses, I. Que os moradores mudam sua fala de acordo com o ambiente em que se encontram; II. Que os moradores desconhecem sobre sua fala e o preconceito linguístico; e III. Que o preconceito linguístico é um problema também na comunidade do bairro de Paulo Corrêa.

Para comprovar ou refutar essas hipóteses, essa pesquisa fez uso de um importante instrumento da pesquisa quantitativa: o questionário. O caráter quantitativo normalmente implica a construção de inquéritos por questionário, onde são contatadas muitas pessoas. Também são chamadas de pesquisas fechadas, talvez pelo formato em que os dados são coletados: quantificáveis e fechados. Para Mattar:

“[...] pesquisa quantitativa busca a validação das hipóteses mediante a utilização de dados estruturados, estatísticos, com análise de um grande

número de casos representativos, recomendando um curso final da ação. Ela quantifica os dados e generaliza os resultados da amostra para os interessados.” (Matar apud Oliveira, 2011. P.25).

Dessa forma, essa pesquisa buscou utilizar-se desse método para quantificar os informantes, para melhor definição da análise e discussões dos fatos e dados obtidos na pesquisa de campo dessa atividade. Fazendo com isso, uma relação das perguntas com os informantes que as responderam, utilizando-se de gráficos para melhor representar as opiniões e escolhas feitas pelos entrevistados na coleta de dados.

O uso de estatísticas faz-se necessário, pois “é a tentativa de determinação da fidedignidade dos dados, por intermédio do grau de certeza que se pode ter acerca dos mesmos”. (LAKATOS e MARCONI, 1992, 109). De fato, pois com o tratamento estatísticos, pode compreender quais pessoas, de que faixa etárias e sexo, conseguem ter a noção acerca do preconceito linguístico no bairro do Paulo Corrêa.

Dessa forma, essa abordagem serviu como reflexão sobre o preconceito linguístico no bairro de Paulo Corrêa, buscou-se usar o método quantitativo, porque assim seria possível mostrar, por meio de números, como a população desse bairro enxerga sua forma de falar e se eles tem a noção que muitas vezes suas falas são prejudgadas, dentro da comunidade do bairro e fora dela.

Assim, essa pesquisa antes de ir para a coleta de dados, passou pela realização de uma pesquisa bibliográfica, “elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet [...]” (PRODANOV, 2013, p. 54), com o propósito de colocar o pesquisador em contato com todos os materiais já publicados e escritos sobre o assunto preconceito linguístico.

A pesquisa também de cunho bibliográfico, pois, “todo trabalho científico, toda pesquisa, deve ter o apoio e o embasamento na pesquisa bibliográfica, para que não se desperdice tempo com um problema que já foi solucionado e possa chegar a conclusões inovadoras (LAKATOS & MARCONI 1992).

Foram utilizados livros, artigos, e pessoas que auxiliaram para um melhor desenvolvimento do projeto que terá como foco o preconceito linguístico. Teram como base de argumentos os seguintes autores: Andrade et al (2012); Coelho et. al (2007); Bagno (2004 e 2007); Calvet (2002). Um ponto a ser levantado nesse momento é a falta de bibliografia que fale ou analise o preconceito linguístico nas ruas e comunidades de Parintins, por esse motivo essa pesquisa desbravou essas águas para chegar a um

componente que consiga exemplificar o fenômeno em um bairro do município, e entender como os moradores entendem o preconceito linguístico.

Essa pesquisa também foi baseada em aspectos sociolinguísticos, ou seja, foi levado em consideração os aspectos metodológicos da pesquisa sociolinguística. Nesse sentido, para a coleta de bons e fidedignos dados para a análise, é preciso levar em consideração os contextos externos a língua, contextos externos como o bairro ser de periferia e ser o mais populoso de Parintins.

De tal modo, Coelho *et al* (2007) apontam para o fato de ser importante que os informantes de uma pesquisa sejam representativos da comunidade de fala a que eles pertencem. Assim sendo, a pesquisa, na perspectiva sociolinguística, deve ser realizada, observando o universo das amostras, como também o tamanho e estratificação dessas amostras. Explicam Coelho *et al* (2007):

Na definição do universo da amostra, partimos do seguinte ponto: qual a comunidade de fala que desejamos estudar? Trata-se de uma comunidade da zona urbana ou da zona rural? Um grupo linguisticamente minoritário na região? Uma comunidade bilíngue? Uma comunidade de pescadores? Uma resposta precisa a essa pergunta é relevante, pois a definição da comunidade de fala a ser investigada vai se refletir na maneira de selecionar os informantes (COELHO *et al.* 2007, p. 114).

Assim sendo, essa pesquisa buscou analisar o fenômeno do preconceito linguístico em uma rua do Bairro de Paulo Corrêa, da cidade de Parintins, trata-se de uma comunidade de zona urbana, um dos bairros mais populosos de Parintins.

Considerando as dimensões sociais do *Locus* dessa pesquisa, foi estipulado um determinado número de pessoas que participaram dessa pesquisa, assim sendo, pelo fato de não haver necessidade de amostras grandes uma vez que “o uso linguístico é mais homogêneo do que o comportamento humano acerca dos fatos, em virtude de não estar tão sujeito a manipulação consciente [...] (COELHO *et al.*, 2010, p. 114). Com isso, para essa pesquisa foram estipulados um número de 31 participantes, sendo delimitados em 16 homens e 15 mulheres, a pesquisa levou em conta a idade, escolaridade e sexo dos informantes.

Nesse sentido, foram analisados questionários de 16 homens entre 17 e 55 anos, e 15 mulheres entre 17 e 60 anos. Estipulamos o critério de participação ser morador da rua e do bairro a mais de 5 anos, ou moradores que vieram de outras cidades ou, bairros de Parintins, mas que tem casa e reside a mais de 5 anos no bairro Paulo Corrêa, teve como critério de exclusão ser menor de 17 anos e ser morador de outros bairros de Parintins.

Dessa forma, foi selecionado amostras da comunidade do Bairro de Paulo Corrêa, sendo uma representação “[...] da população ou do universo da pesquisa” (OLIVEIRA, 2013, p. 88). Assim, utilizou-se a técnica da escolha probabilística em que, de acordo com Oliveira (2013) há uma determinação da quantidade de elementos ou números de pessoas que estariam aptas a participar dos questionários. Como também, seguindo métodos pré-estabelecidos, fazendo com que na coleta de dados “cada elemento da população tem oportunidade igual de ser incluído na amostra” (PRODANOV, 2013, p. 99).

O segundo momento e fase dessa pesquisa foi em constituir o instrumento de coleta de dados. Com isso, a técnica para coletar os dados dessa pesquisa foi o questionário. Para Prodanov (2013) na pesquisa descritiva o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visando com isso descrever as características de um fenômeno, uma população ou estabelecimento de relações entre variantes. Com isso, a pesquisa descritiva usa técnicas padronizadas de coletas de dados, com isso o questionário é uma dessas técnicas.

Segundo Lakatos e Marconi (1992) O questionário se constitui por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito ou sem a presença do pesquisador. Para a coleta dos dados dessa pesquisa. O questionário é uma técnica de pesquisa de observação direta extensiva, entende-se por técnica “[...] um conjunto de preceitos ou processos utilizados por uma ciência ou arte. No caso de pesquisas de campo, é necessário analisar e interpretar os dados obtidos, mediante técnicas estatísticas [...]” (PRODANOV, 2013, p.102).

Segundo Prodanov (2013) o questionário são perguntas cujo sua finalidade é a coleta de dados, são perguntas ordenadas que devem ser respondidas pelos informantes, por escrito, nesse sentido, segundo o autor, a linguagem utilizada nele deve ser simples e direta, para que o respondente compreenda a clareza da pergunta.

Com isso os questionários dessa pesquisa, contou com 11 perguntas apresentando alternativas limitadas e fixas. O informante escolhe sua resposta entre as opções apresentadas. Assim sendo, as perguntas do questionário estão pautadas no preconceito linguístico como problema no bairro Paulo Corrêa. Os informantes tiveram que responder as 11 perguntas com três opções de escolha.

Dessa forma, as perguntas foram formuladas para saber se o informante já ouviu falar sobre o preconceito linguístico, se eles discordam ou concordam que o preconceito é um problema no bairro, no questionário foi feita a pergunta sobre o modo de falar de alguém pode influenciar a percepção dele sobre a inteligência ou capacidade da outra

pessoa, também queria saber se eles já ficaram desconfortáveis ou se sentiram discriminados no bairro por causa do seu modo de falar, se os informantes já mudaram seu modo de falar para se adaptar a um ambiente social.

Outras perguntas feitas pelo questionários foram, se os informantes já ouviram comentários pejorativos sobre o modo de fala de alguém no bairro, o questionário permitiu que eles dessem sua opinião sobre o preconceito afetar a autoestima de alguém, se na opinião deles, quais estratégias poderiam ser utilizadas para combater o preconceito linguístico no bairro Paulo Corrêa, foi indagado ao informante se a valorização da norma culta contribui para o preconceito linguístico, e a última pergunta foi se os informantes concordam ou discordam que a tecnologia e as redes sociais influenciam a linguagem e o preconceito linguístico no bairro. Nesse sentido, as perguntas foram respondidas pelos informantes e serão analisadas no próximo capítulo dessa monografia, para observar e analisar o que cada um respondeu.

Além disso, a observação dessa pesquisa é de forma sistemática, com o planejamento e realizada em condições controladas com a finalidade da descrição correta e atenta dos dados sobre o preconceito linguístico. Nesse sentido, de acordo com Prodanov (2013) a observação sistemática é utilizada com frequência em pesquisas que tem como objetivo a descrição dos fenômenos e hipóteses. Tendo sempre em mente os aspectos da comunidade de estudo que são significativos para o alcance do objetivo pretendido.

Para contribuição da aplicação dos questionários, a pesquisadora teve que estar em contato com os informantes, nesse sentido a pesquisa de campo foi de suma importância pois, “A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]” (Gonçalves *apud* Piana. 2009. P. 169). Para Prodanov (2013) a pesquisa de campo tem o objetivo de conseguir informações acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou uma procurar responder um hipótese, tentando comprova-la.

Nesse sentido, a pesquisa vai pelo viés de pesquisa de campo, pois ter acesso aos informantes é fundamental, principalmente tratando de uma pesquisa como essa que leva em consideração aspectos sociolinguísticos. A pesquisa foi de suma importância também para a escolha da técnica e o método de abordagem dessa pesquisa. Partindo sempre de um levantamento bibliográfico que enriqueceu essa pesquisa.

Outro aspecto que contribuiu para a formatação dessa pesquisa e metodologia é o estudo de caso, pois “o estudo de caso possui uma metodologia de pesquisa classificada como aplicada, na qual se busca a aplicação prática de conhecimentos para a solução de problemas sociais. (BOAVENTURA *apud* PRODANOV, 2013. p. 60)

O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc. São necessários alguns requisitos básicos para sua realização, entre os quais, severidade, objetivação, originalidade e coerência (PRODANOV, 2013, p. 60)

Levando em consideração esse aspecto, foi com o objetivo de fazer uma análise aprofundada do preconceito linguístico, que foi escolhido um bairro de massa e periférico de Parintins para fazer essa pesquisa, considerando elementos como identidade, aspectos sociais e também individuais do pesquisador. Nesse sentido, o estudo de caso que é muito utilizado por pesquisadores sociais se encaixaria fortemente nessa pesquisa, por essa, levar em consideração a estratificação da sociedade parintinense e do bairro de Paulo Corrêa.

Portanto, essa metodologia se baseia principalmente no estudo de caso e na metodologia sociolinguística para fundamentar a análise e compreensão dos dados obtidos na coleta. O método sociolinguístico é o que fundamenta, pois o preconceito linguístico é um dos problemas estudados e evidenciados pelos cientistas da fala, visto que eles vêem a língua como algo que tem aspectos linguísticos que se misturam com a sociedade em que se inserem.

Afirmando como Bagno (2007) em seu livro “Nada na língua é por acaso” que revela que a língua nada mais é do que um revelador das mudanças da sociedade. Por outro lado, vale destacar que essa pesquisa não tem um lado político e nem quer abrir discussões sobre se os viventes do bairro de Paulo Corrêa são ou não preconceituosos, ela somente quer evidenciar um problema que é visto por muito sociolinguistas em sala de aula e até em ruas de outros lugares.

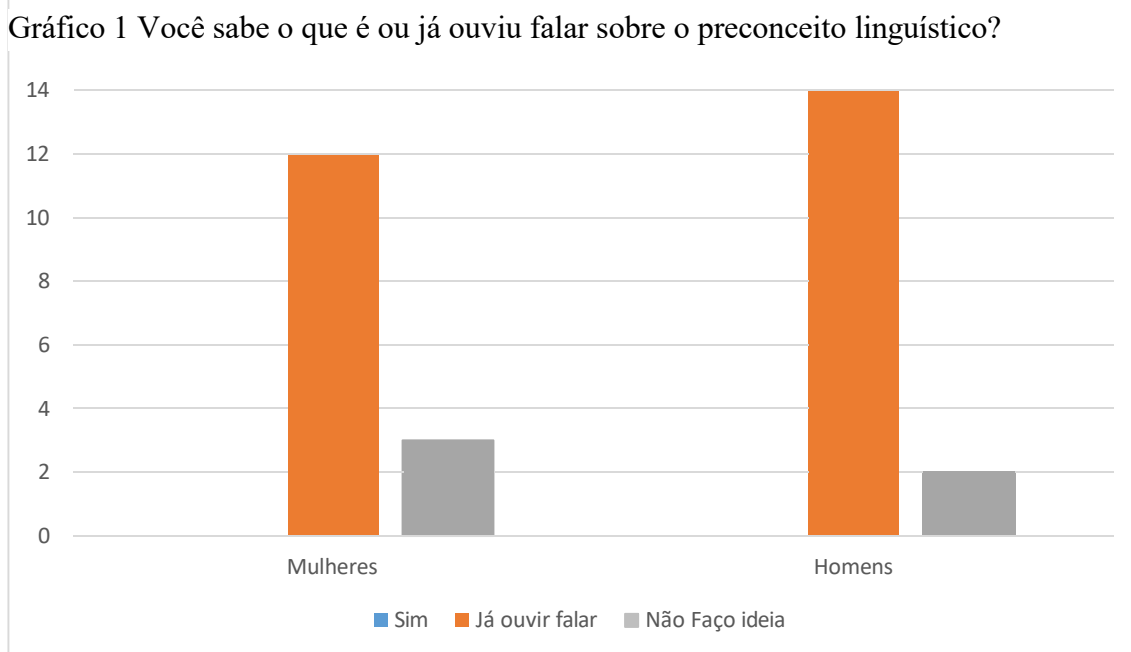
A metodologia dessa pesquisa foi construída com muito cuidado para que levasse em conta esse aspecto de não tomar um lado, se tornar neutro e seguir a pesquisa de forma ética e profissional. Assim, a elaboração dessa metodologia passou por grandes discussões que deram clareza para a continuidade do estudo e mais ainda deu base para a coleta de dados e análise deles que farão parte do próximo capítulo.

CAPITULO III: ANÁLISE E DISCUSSÕES DE DADOS:

A partir desse capítulo será analisado as respostas dos participantes e das participantes dessa pesquisa. Assim sendo, foi feita as análises das respostas de homens e mulheres, com idades entre 17 e 60 anos, de todas as escolaridades.

Essa análise terá como ferramenta de auxílio os gráficos, para melhor interpretação dos dados obtidos na coleta de dados. Dessa forma, partiremos para análise da primeira pergunta. Observe o gráfico 1:

No questionário foi perguntado para as informantes do sexo feminino e masculino



se eles sabem o que é o preconceito linguístico ou se já ouviram falar ou se nunca ouviram falar desse termo, obtivemos a resposta de que 12 mulheres já tem a noção do que é o preconceito linguístico, quanto 14 homens sabem ou já ouviram falar sobre esse fenômeno, por outro lado três mulheres e dois homens disseram que não faziam ideia.

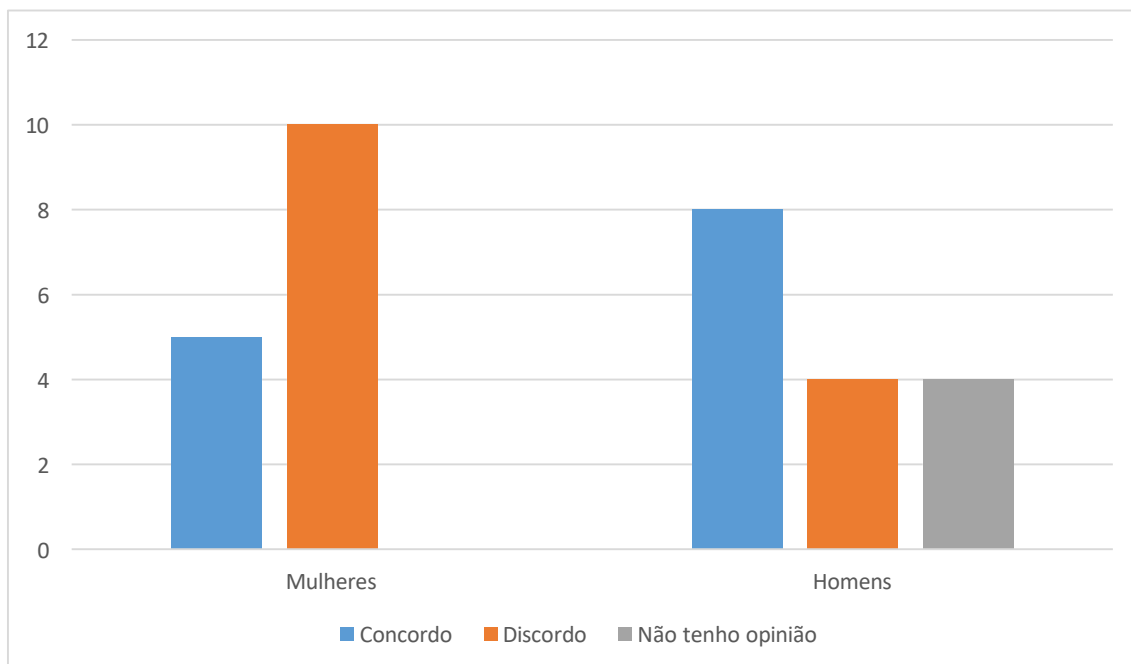
Tendo isso em vista, nota-se que muitos informantes tem a mínima noção do que é esse preconceito e qual é a implicação dele em sua vida cotidiana, para além disso, nota-se também que três mulheres e dois homens por algum motivo não sabem sobre esse fenômeno, ao observar essa primeira pergunta, podemos constatar que mais de 50% das mulheres e dos homens que responderam essa primeira pergunta, conseguem entender as implicações sociais e linguísticas que esse preconceito acarreta na vida cotidiana delas.

O objetivo dessa pergunta foi indagar reflexões acerca do conhecimento dos entrevistados sobre o fenômeno da pesquisa, ao pararem para pensar sobre esse

preconceito, elas consequentemente acabarão fomentando dentro de si, uma reflexão de como elas próprias enxergam o seu modo de falar.

Logo após, foi perguntado para os informantes de ambos os gêneros se eles discordam ou concordam que o preconceito linguístico é um problema no bairro de Paulo Corrêa. As respostas para essa pergunta pode ser observadas no gráfico 2:

Gráfico 2 Você concorda ou discorda que o preconceito linguístico é um problema do bairro?



Nesse sentido, ao observarmos o gráfico, podemos notar que 10 mulheres discordam que o preconceito linguístico seja um problema no bairro de Paulo Corrêa enquanto isso, 5 veem isso como um problema no bairro. Já sobre os homens, 4 entrevistados não sabem se o preconceito linguístico é um problema no bairro, 8 entrevistados concordam que este é sim um problema e 4 discordam dessa pergunta.

Com base nos dados, podemos fazer algumas análises interessantes sobre o preconceito linguístico no bairro. Podemos observar que há uma divergência de opiniões, os dados mostram uma contraposição entre as informantes mulheres, isso sugere que a percepção do preconceito linguístico por essas mulheres pode variar significativamente entre as mulheres do bairro. Vê-se também essa discordância nas informações dos informantes do sexo masculino, mas diferente das mulheres, onde elas tem uma opinião mais formada sobre esse fenômeno, nos informantes masculinos observa-se que alguns deles não sabem ou não tem opinião sobre o preconceito ser um problema no bairro.

Outro ponto a ser destacado, é a maioria das entrevistadas discordar que o preconceito linguístico seja um problema no bairro. Isso sugere que muitas das mulheres entrevistadas não veem ou não percebem o preconceito linguístico como um problema significativo ou que não experimentaram em suas vidas diárias.

Já nos informantes masculinos, o quadro muda, a maioria deles concordam que o preconceito linguístico seja um problema. Isso sugere que os homens conseguem perceber e veem o problema como algo que se mostra na realidade.

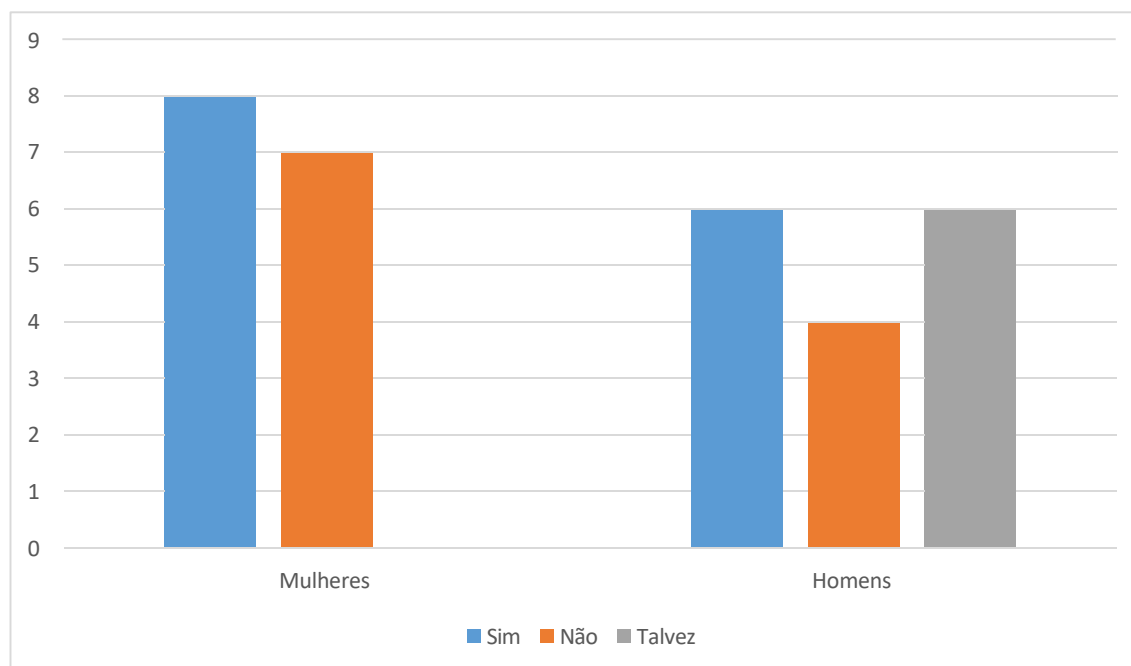
Por outro lado, constata-se que uma minoria das informantes concorda com essa pergunta, isso sugere que algumas mulheres do bairro já experimentaram ou perceberam o preconceito linguístico de forma mais intensa. A divergência de opiniões pode refletir diferenças na percepção das mulheres sobre o preconceito ao seu redor, algumas delas puderam pesquisar ou já tiveram contato diretamente com esse fenômeno, enquanto outras podem não ter tido essa experiência.

Já nos homens é uma minoria que discorda desse apontamento, isso sugere que esses homens não tiveram uma experimentação ou uma percepção acerca do preconceito linguístico, a vivência deles possivelmente não os possibilitaram perceber atentamente.

Ainda pode-se afirmar que o contexto sociocultural e o ambiente pode influenciar nessas opiniões, sendo que o bairro por ser construído por uma invasão, e essa invasão ser exclusivamente formada por pessoas de Parintins, com o falar mais homogêneo pode influenciar na discordância da pergunta, mas os informantes de ambos os gêneros que concordam tiveram uma experimentação diferente dentro do mesmo bairro.

No questionário foi perguntado aos informantes sobre o que eles pensam sobre o modo de falar poderia influenciar a percepção delas sobre a inteligência ou capacidade intelectual dessa pessoa. Observe o gráfico 3:

Gráfico 3 Você acha que o modo de falar de alguém influencia sua percepção sobre a inteligência ou capacidade dessa pessoa?



Dos respondentes, 8 mulheres e 6 homens afirmaram que o modo de falar impacta a percepção sobre a inteligência de alguém. Isso sugere que tanto mulheres quanto os homens reconhecem, em sua maioria, a relação entre a forma como alguém se expressa e a avaliação de sua capacidade intelectual.

No entanto, a diferença de mulheres que concordam (8) em comparação com os homens (6) pode indicar uma maior sensibilidade feminina a essa questão, possivelmente devido a experiências pessoais mais frequentes de julgamento baseado na fala. Assim, pode-se apontar para o fato da maioria associar a linguagem à inteligência, sendo que oito mulheres disseram que sim, o modo de falar de alguém pode influenciar a percepção dela sobre a inteligência ou capacidade de outra pessoa.

Isso sugere que muitas mulheres da comunidade associam a linguagem à inteligência, isso nos mostra a reprodução de estereótipos e mitos que são fomentados por elas em relação a capacidade de cognitiva de alguém, como a capacidade de alguém falar sua língua muito bem, os mitos levantados de que tal forma de falar é certo e outra é errada por exemplo, pode ser propagada sem mesmo elas saberem disso.

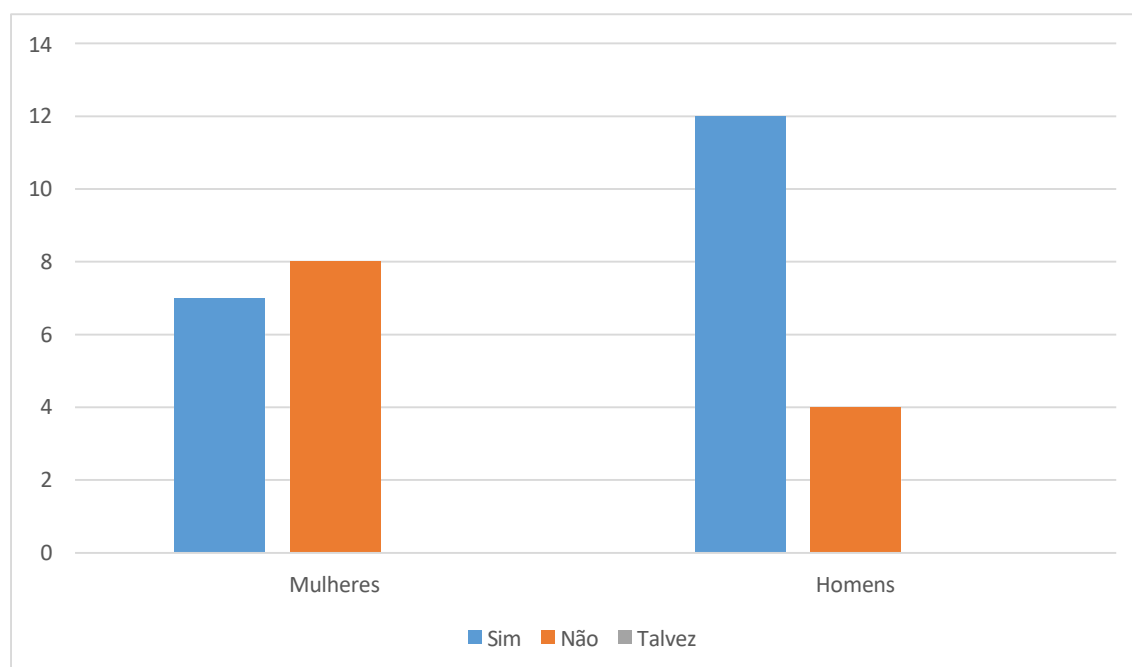
Por outro lado, 7 mulheres e 4 homens disseram que não acreditam que o modo de falar influencia essa percepção. Essa resposta reflete uma resistência ao preconceito linguístico, onde os indivíduos reconhecem que a inteligência não deve ser avaliada com base na forma de comunicação. O fato de mais mulheres do que homens se posicionarem

contra essa ideia pode sugerir uma consciência mais aguçada sobre as injustiças que o preconceito linguístico pode gerar.

Adicionalmente, 6 homens opinaram que talvez o modo de falar influencia essa percepção. Essas incertezas podem indicar uma ambivalência em relação ao preconceito linguístico, onde os homens parecem mais divididos sobre a questão. Essa divisão pode ser influenciada por normas sociais que frequentemente associam a eloquência e a formalidade na fala a uma maior inteligência, um estereótipo que perpetua o preconceito.

No questionário foi perguntado para as informantes se eles já sentiram discriminados ou desconfortáveis no bairro por causa de seu modo de falar, as repostas podem ser observadas no gráfico 4:

Gráfico 4 Você já sentiu desconfortável ou discriminado no bairro por causa de seu modo de falar?



Dos informantes, 7 mulheres e 12 homens relataram que já se sentiram discriminados ou desconfortáveis em função de sua forma de se expressar e falar. É notável que um número maior de homens tenha experimentado essa sensação em comparação com as mulheres.

Isso pode indicar que, embora a linguagem seja uma questão sensível para ambos os gêneros, os homens podem estar mais expostos a situações em que sua forma de falar é julgada. Essa realidade pode estar ligada a normas sociais que muitas vezes impõem padrões de masculinidade que valorizam a assertividade e eloquência, levando os homens a se sentirem mais pressionados a se conformar a esses padrões.

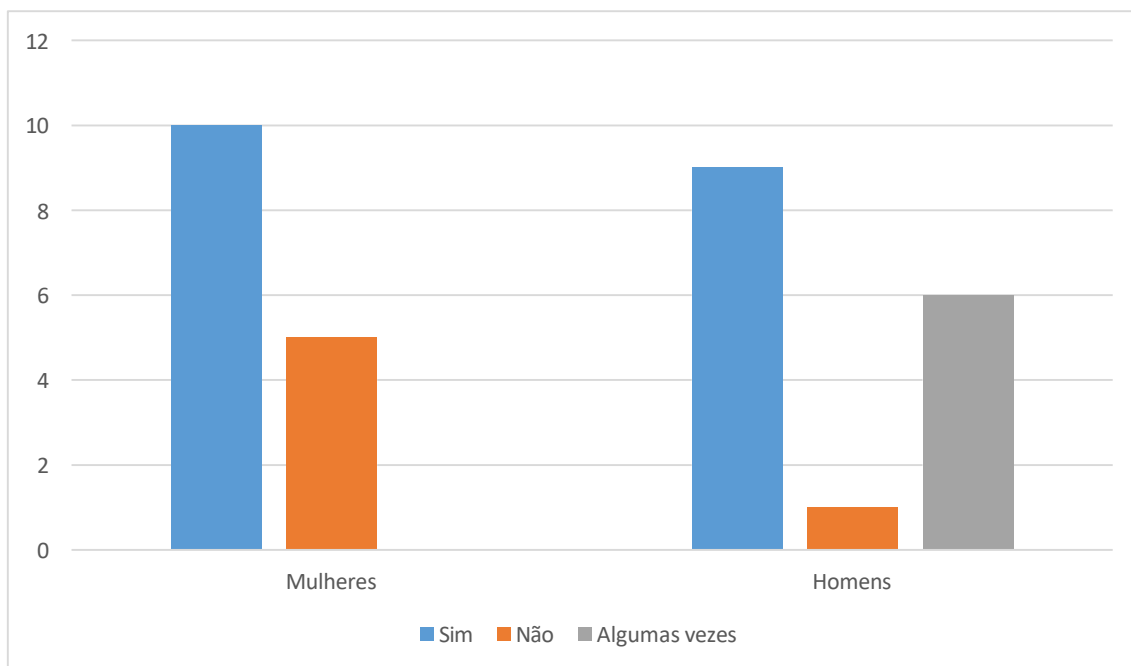
Por outro lado, 8 mulheres e 4 homens afirmaram que não se sentiram discriminados ou desconfortáveis por seu modo de falar. O fato de mais mulheres do que homens não terem sentido discriminação pode sugerir uma maior resiliência ou uma percepção diferente sobre as expectativas sociais em relação à linguagem.

As mulheres, conseguem desenvolver uma consciência mais crítica sobre o preconceito linguístico, o que pode leva-las a lidar melhor com situações de julgamento.

Assim, fica evidente que tanto os homens quanto as mulheres enfrentam desafios relacionados à forma como se comunicam, mas a intensidade e a natureza dessas experiências podem variar.

A maior incidência de homens relatando desconforto pode indicar que o preconceito linguístico se manifesta de maneira diferente para os gêneros, com os homens sentindo uma pressão maior para se conformar a ideia de falar que é frequentemente associado à inteligência e ao status social.

Foi perguntado para os informantes sobre se eles já mudaram seu modo de falar para se adaptar a um ambiente social. As respostas podem ser vistas no gráfico 5 a seguir:
Gráfico 5 Você já mudou seu modo de falar para se adaptar a um ambiente social?



Dos respondentes, 9 homens e 10 mulheres afirmaram que sim, já mudaram seu modo de falar. Essa adaptação pode ser entendida como uma estratégia de socialização e sobrevivência em contextos variados, onde a linguagem desempenha um papel crucial na aceitação social. A disposição de ambos os gêneros em alterar sua forma de se expressar

indica uma consciência sobre as normas e expectativas sociais que cercam a comunicação em diferentes ambientes.

Contudo, é interessante notar que, embora o número de homens que mudam sua fala seja significativo, ele é ligeiramente inferior ao de mulheres, o que pode sugerir que as mulheres estão mais atentas às nuances sociais e, portanto, mais propensas a ajustar sua comunicação para se adequar a diferentes contextos.

A mudança de fala, é um fenômeno comum em contextos sociais, onde os falantes ajustam sua linguagem em resposta a diferentes grupos sociais, ambientes ou situações comunicativas. Esse comportamento pode ser analisado através de várias lentes. A adaptação da fala pode ser uma estratégia para se integrar a um novo grupo ou ambiente, refletindo a busca por aceitação e pertencimento.

Os informantes que mudaram seu modo de falar provavelmente tiveram o intuito de alinhar-se às expectativas do grupo, minimizando possíveis preconceitos que possam enfrentar. Além disso, ao ajustar seu modo de falar, as mulheres e os homens podem evitar situações de discriminações, como comentários negativos sobre sua variedade linguística, que são frequentemente estigmatizados em contextos urbanos e educacionais.

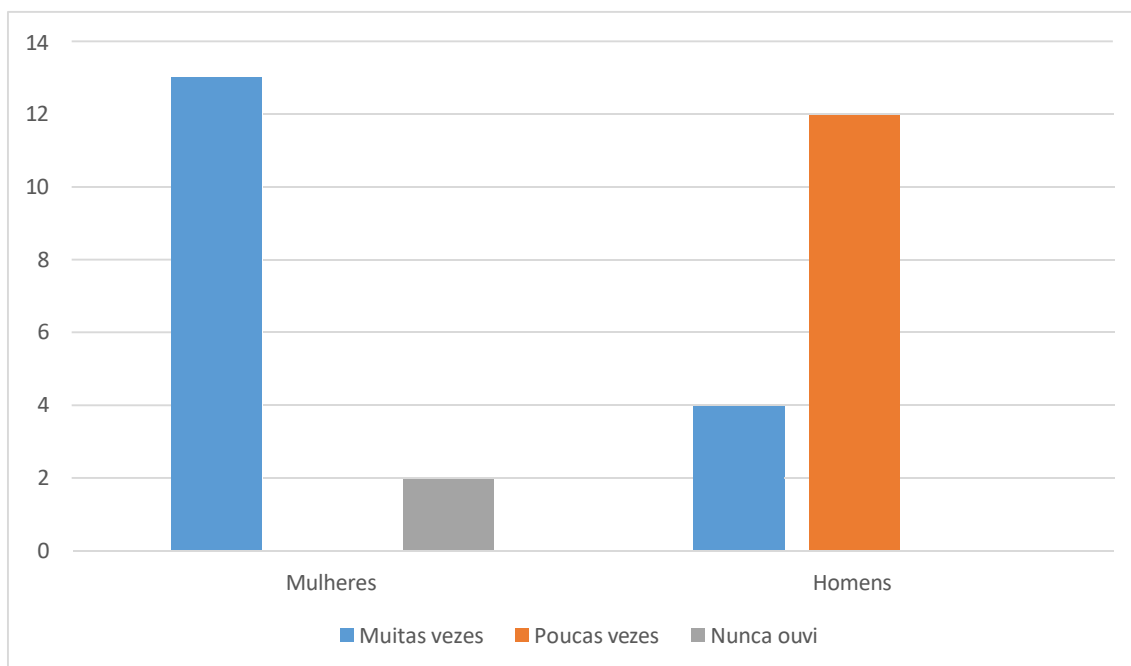
Além disso, 6 homens relataram que mudaram sua forma de falar apenas algumas vezes, enquanto 1 homem e 5 mulheres disseram que não mudam seu modo de falar. Essa discrepância pode refletir a maneira como os gêneros percebem a necessidade de adaptação. Os homens, ao parecer, sentem menos pressão para modificar sua forma de comunicação em comparação às mulheres, que podem enfrentar expectativas sociais mais rigorosas em relação à sua expressividade e eloquência. Essa dinâmica pode estar relacionada ao preconceito linguístico, que frequentemente penaliza formas de falar que não se alinham com padrões considerados “aceitáveis” ou “normativas”.

Essa adaptabilidade pode ser um recurso valioso em contextos profissionais e sociais, onde a comunicação é essencial. A mudança de fala em resposta a ambientes sociais está profundamente ligada ao preconceito linguístico, que se manifesta de várias formas. A percepção de que certas formas de falar são “erradas”, “inferiores” e “menos educadas” pode levar indivíduos a modificar sua fala para evitar a discriminação. As mulheres e os homens que mudaram sua fala podem ter internalizado essa estigmatização, sentido que precisam se adequar a um padrão para serem aceitas.

Além disso, a pressão para se conformar com um modo de fala considerado “adequado” pode ser intensa em ambientes acadêmicos e profissionais, reforçando a ideia de que a diversidade linguística não é valorizada, perpetuando um ciclo de discriminação.

Logo após, o pesquisador perguntou as mulheres e aos homens sobre se elas já ouviram comentários pejorativos sobre o modo de falar de alguém dentro do bairro de Paulo Corrêa. As respostas podem ser vista no Gráfico 6:

Gráfico 6 Você já ouviu comentários pejorativos sobre o modo de falar de alguém no bairro?



Conforme o gráfico podemos notar que 13 mulheres afirmaram que já ouviram comentários pejorativos sobre o modo de falar de alguém dentro do Bairro de Paulo Corrêa, enquanto 2 mulheres afirmaram que nunca viram esses comentários dentro do bairro. Por outro lado, 4 homens disseram que já viram muitas vezes e 12 disseram que poucas vezes ouviram comentários pejorativos sobre o modo de falar de alguém.

As mulheres, por sua vez, podem estar mais atentas a essas interações sociais, possivelmente devido a uma maior sensibilidade às normas de comunicação e ao impacto que essas normas tem sobre a aceitação social. Essa percepção pode ser influenciada por um histórico de julgamento mais intenso em relação à forma como as mulheres se expressam, refletindo um padrão de discriminação que se manifesta em diferentes contextos sociais.

Essas disparidades nos resultados aponta para uma realidade social marcada pelo preconceito linguístico e suas implicações na identidade e nas relações comunitárias. A alta porcentagem de mulheres que relataram ter ouvido comentários pejorativos indica que o preconceito linguístico é um fenômeno comum e amplamente reconhecido dentro

da comunidades. Esse tipo de discriminação não apenas marginaliza as variantes linguísticas locais, mas também pode impactar a autoestima e autoimagem dos falantes.

A normalização de tais comentários sugere que a fala de algumas pessoas é desvalorizada, o que pode levar a um ambiente social hostil, onde a diversidade linguística não é respeitada. Os comentários pejorativos podem ter efeitos profundos nas relações sociais e na saúde mental das pessoas afetadas. Ouvindo críticas sobre seu modo de falar, os indivíduos podem sentir-se pressionados a mudar sua forma de se expressar para se adequar a um padrão considerado “aceitável”.

Em contrapartida, entre os homens, 4 relatam ter ouvido comentários pejorativos muitas vezes, enquanto 12 afirmaram que ouviram poucas vezes. Essa diferença no relato pode sugerir que embora os homens também estejam expostos ao preconceito linguístico, a frequência e a intensidade com que esses comentários são percebidos podem variar.

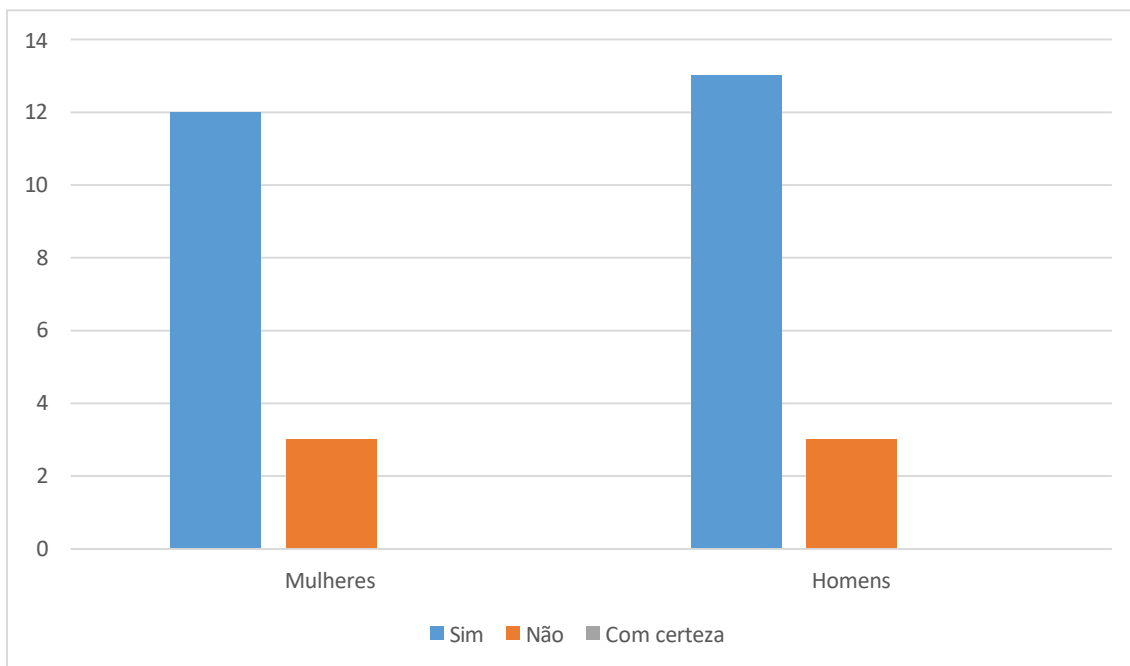
A maior parte dos homens que afirmaram ter ouvido comentários apenas algumas vezes pode indicar uma certa desconexão ou minimização do impacto do preconceito linguístico em suas vidas, ou talvez uma resistência em reconhecer a gravidade desse tipo de discriminação.

A sociolinguística nos ensina que a linguagem é um reflexo das relações de poder e das normas sociais que regem a comunicação. O fato de que um número significativo de mulheres tenham ouvido comentários pejorativos pode ser interpretada como um sintoma de um ambiente social que perpetua estigmas linguísticos. Esses estigmas frequentemente penalizam modos de falar que não se alinham com os padrões considerados “normativos”, reforçando hierarquias sociais e contribuindo para a marginalização de certos grupos.

Isso evidencia que o preconceito linguístico é uma experiência vivida por ambos os gêneros, mas com nuances diferentes. As mulheres percebem mais e os homens menos.

Durante o questionário, foi perguntado se os informantes acreditam que o preconceito linguístico pode afetar a autoestima de alguém. As respostas podem ser vista no Gráfico 7 abaixo:

Gráfico 7 Você acredita que o preconceito linguístico pode afetar a autoestima de alguém?



A análise dos dados do questionário revela que 12 mulheres acreditam que o preconceito linguístico pode afetar a autoestima de alguém, enquanto 3 mulheres afirmaram que não. Enquanto, 13 homens acreditam que sim, o preconceito linguístico pode afetar a auto estima de alguém, já 3 deles acreditam que não.

A linguagem é uma parte fundamental da identidade de uma pessoa, e a forma como nos expressamos está intimamente ligada à nossa cultura, origem e experiência pessoais. Quando alguém enfrenta preconceito linguístico, pode levar a uma desvalorização de sua identidade. As 12 mulheres e os 13 homens que acreditam que o preconceito linguístico afeta a autoestima reconhecem que comentários negativos sobre a maneira de falar de alguém pode gerar insegurança e sentimento de inadequação.

O preconceito linguístico pode manifestar-se de variadas maneiras, desde comentários sutis até a discriminação aberta, impactando diretamente a autoestima dos indivíduos. Podendo levar a uma série de consequências psicológicas, como insegurança, onde os falantes começam a duvidar de suas habilidades comunicativas, autoexclusão, em que algumas pessoas optam por se afastar de situações sociais ou profissionais para evitar críticas, e mudanças de comportamento, onde os falantes tentam modificar sua

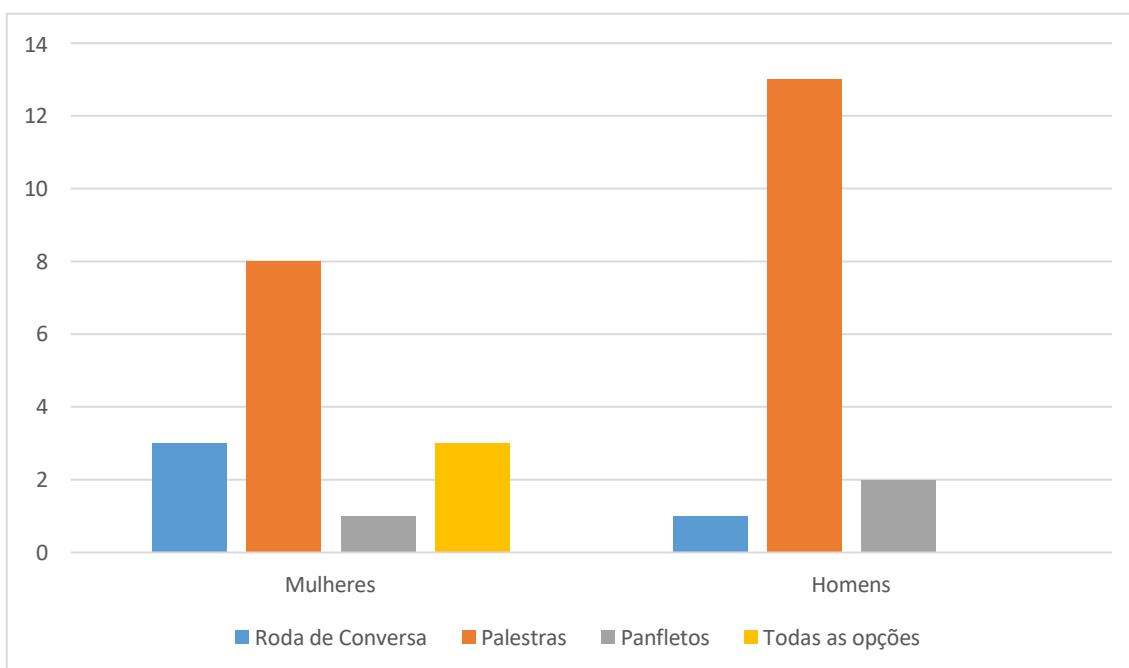
maneira de falar, resultando em um conflito interno entre sua identidade autêntica e a necessidade de se conformar a padrões externos.

Por outro lado, três mulheres e três homens afirmam que o preconceito linguístico não afeta a autoestima possivelmente tiveram experiências pessoais que as levaram a desenvolver uma forte identidade linguística, resultando em uma resistência ao preconceito linguístico. Esses informantes podem ter vivenciado ambientes sociais onde a diversidade linguística é mais valorizada, tornando-se menos suscetíveis a efeitos negativos.

A alta porcentagem de mulheres e homens que acreditam que o preconceito linguístico afeta a autoestima destaca a necessidade de conscientização sobre a importância de respeitar e valorizar as diferentes formas de falar. O reconhecimento de que o preconceito pode ter efeitos prejudiciais é o primeiro passo para promover um ambiente saudável e acolhedor.

Logo após, no questionário foi perguntado a opinião das mulheres e dos homens sobre quais estratégias poderiam ser utilizadas para combater o preconceito linguístico no bairro de Paulo Corrêa. Observe o gráfico 8

Gráfico 8 Na sua opinião, quais estratégias poderiam ser utilizadas para combater o preconceito linguístico no bairro Paulo Corrêa?



A análise das opiniões sobre as estratégias para combater o preconceito linguístico no bairro de Paulo Corrêa revela nuances importantes na percepção dos homens e das mulheres e aponta para a necessidade de abordagens eficazes que consideram as dinâmicas sociais e culturais do bairro.

Das respostas, 3 mulheres e 1 homem consideram que a roda de conversa é uma boa estratégia. Essa opção destaca a importância do diálogo e da troca de experiência como formas de conscientização e empoderamento. A roda de conversa, sendo uma abordagem mais informal e interativa, pode permitir que os participantes compartilhem suas vivências e reflexões sobre o preconceito linguístico, promovendo uma maior empatia e compreensão mútua. A participação relativamente baixa de homens nessa sugestão pode indicar uma preferência por métodos mais estruturados, como palestras, que são vistos como mais formais e informativos.

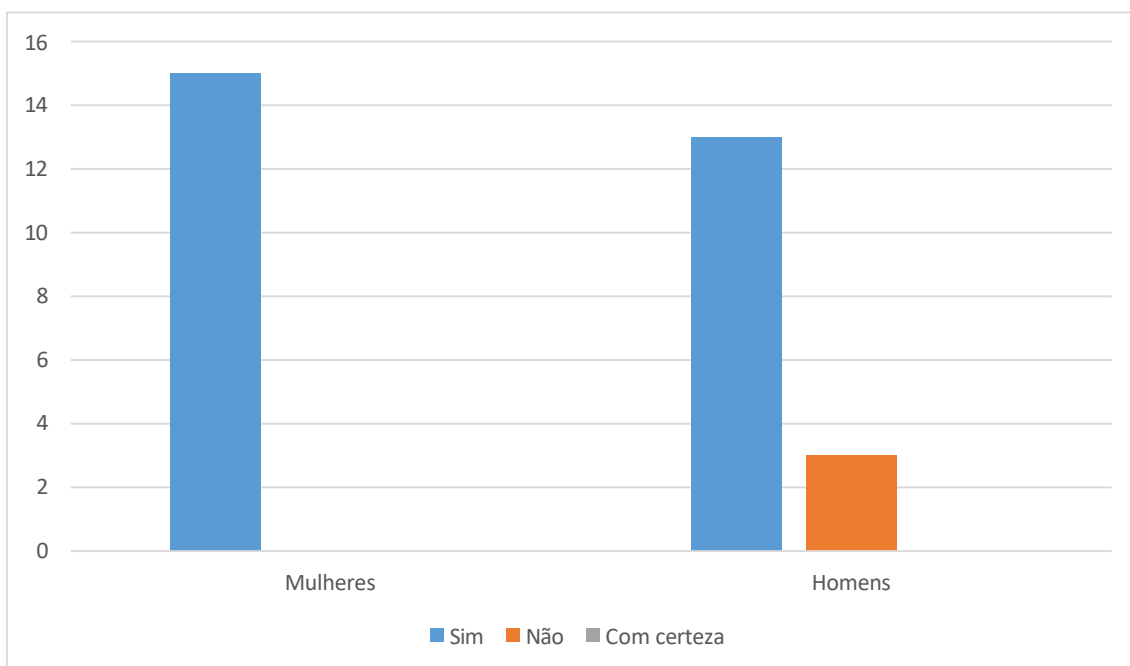
Por outro lado, 13 homens e 8 mulheres apontaram as palestras como a principal estratégia para combater o preconceito linguístico. Essa preferência pela palestras pode refletir uma visão de que a educação formal e disseminação de informações são fundamentais para a mudança de atitude. As palestras, ao fornecem dados e evidências sobre o impacto do preconceito linguístico, podem ser percebidas como uma forma eficaz de sensibilizar a comunidade. No entanto, essa abordagem pode ser vista como menos inclusiva uma vez que não necessariamente promovem a interação e o diálogo que as rodas de conversa oferecem.

Além disso, uma mulher e dois homens mencionaram os panfletos como uma estratégia viável. Essa opção sugere uma abordagem mais passiva de disseminação de informações, que pode não engajar a comunidade de maneira tão efetiva quanto as rodas de conversa ou palestras. A utilização de panfletos pode ser útil para alcançar um público mais amplo, mas pode falhar em provocar discussões profundas e reflexões críticas sobre o preconceito linguístico.

Por fim, três mulheres afirmam que todas as opções são boas estratégias. Essa visão holística destaca a importância de uma abordagem multifacetada para o combate ao preconceito linguístico. A combinação de rodas de conversa, distribuição de panfletos informativos e palestras pode atender aos diferentes estilos de aprendizagem e engajamento, permitindo que a comunidade se aproprie da discussão sobre a linguagem.

Foi perguntado também, aos informantes, sobre se eles acham que o papel dos pais é fundamental para o combate ao preconceito linguístico no bairro. Observe as respostas no gráfico 9:

Gráfico 9 Você acha que o papel dos pais é fundamental para combater o preconceito linguístico no bairro?



Das 15 mulheres entrevistadas, todas afirmam que o papel dos pais é fundamental nesse combate. Essa unanimidade indica uma forte crença de que a educação e os valores transmitidos no ambiente familiar são cruciais para moldar a percepção das crianças e jovens sobre a diversidade linguística.

As mulheres, muitas vezes, assumem papéis centrais na educação dos filhos, e sua convicção de que os pais devem ser agentes de mudança sugere uma compreensão profunda do impacto que a socialização linguística tem sobre a formação de identidade e a construção de preconceitos.

Por outro lado, entre os homens, 13 disseram que sim, o papel dos pais é fundamental, enquanto 3 discordam. A maioria masculina que reconhece a importância da educação familiar reforça a ideia de que, independentemente do gênero, há uma consciência crescente sobre a necessidade abordar o preconceito linguístico desde a infância.

No entanto, os três homens que não veem essa influência como essencial podem indicar uma visão mais limitada ou uma desconexão com a realidade do preconceito

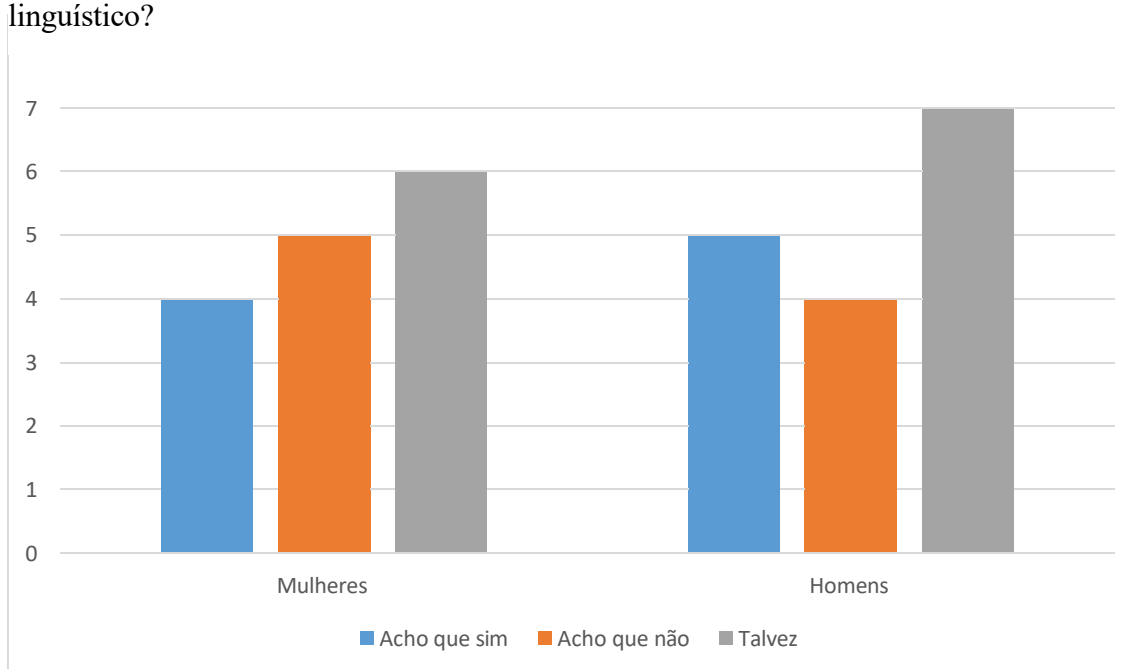
linguístico, o que pode resistir a reconhecer a importância da educação na formação de atitudes sociais.

Além disso, destaca-se a importância de envolver todos os membros da família na discussão sobre preconceito linguístico. A unanimidade entre as mulheres e a maioria dos homens que concordam com a importância do papel dos pais sugere que, para efetivar mudanças significativas, é necessário um esforço conjunto e colaborativo. Isso implica que tanto mães quanto pais devem ser educadores nesse processo, promovendo um ambiente onde a diversidade linguística é respeitada.

O fato de que tanto homens quanto mulheres reconhecem o papel dos pais como fundamental no combate ao preconceito linguístico sugere uma compreensão de que as atitudes em relação à linguagem são aprendidas e, portanto, podem ser desaprendidas. A educação familiar é um espaço onde se pode cultivar a valorização da diversidade linguística e combater estigmas associados a diferentes modos de falar.

Os Informantes foram perguntados sobre se eles acham que a valorização da norma culta contribui para o preconceito linguístico. As repostas podem ser observadas no gráfico abaixo:

Gráfico 10 Você acha que a valorização da norma culta contribui para o preconceito linguístico?



Dos dados coletados, 4 mulheres e 5 homens acreditam que a valorização da norma culta contribui para o preconceito linguístico, enquanto 5 mulheres e 4 homens discordam dessa afirmação. Além disso, 6 mulheres e 7 homens se posicionaram com um “talvez”, indicando incerteza ou sutis diferenças na visão sobre o tema.

Aqueles que afirmam que a valorização da norma culta contribui para o preconceito linguístico reconhecem que essa valorização pode criar hierarquias linguísticas que marginalizam modos de falar considerados não normativos. A norma culta, frequentemente associada a prestígio social e educativo, estabelece um padrão que deslegitima outras formas de fala e expressão, levando a julgamentos negativos sobre falantes que não se adequam a esses padrões.

Essa perspectiva é especialmente relevante no contexto sociolinguístico, onde a linguagem é um reflexo das relações de poder e status. A crença de que a norma culta pode ser uma fonte de preconceito sugere uma consciência crítica sobre como as normas linguísticas são utilizadas para perpetuar desigualdade sociais.

De outro modo, aqueles que acreditam que a valorização da norma culta não contribui para o preconceito podem argumentar que a norma culta é uma ferramenta de comunicação eficaz e necessária em contextos formais, como na educação e no mercado de trabalho. Essa visão, no entanto, pode desconsiderar o impacto que essa valorização tem sobre a autoestima e a identidade de indivíduos que falam em outros registros linguísticos. A defesa da norma culta, sem uma reflexão crítica, pode reforçar estigmas e discriminações, perpetuando a marginalização de formas de falar que são igualmente válidas.

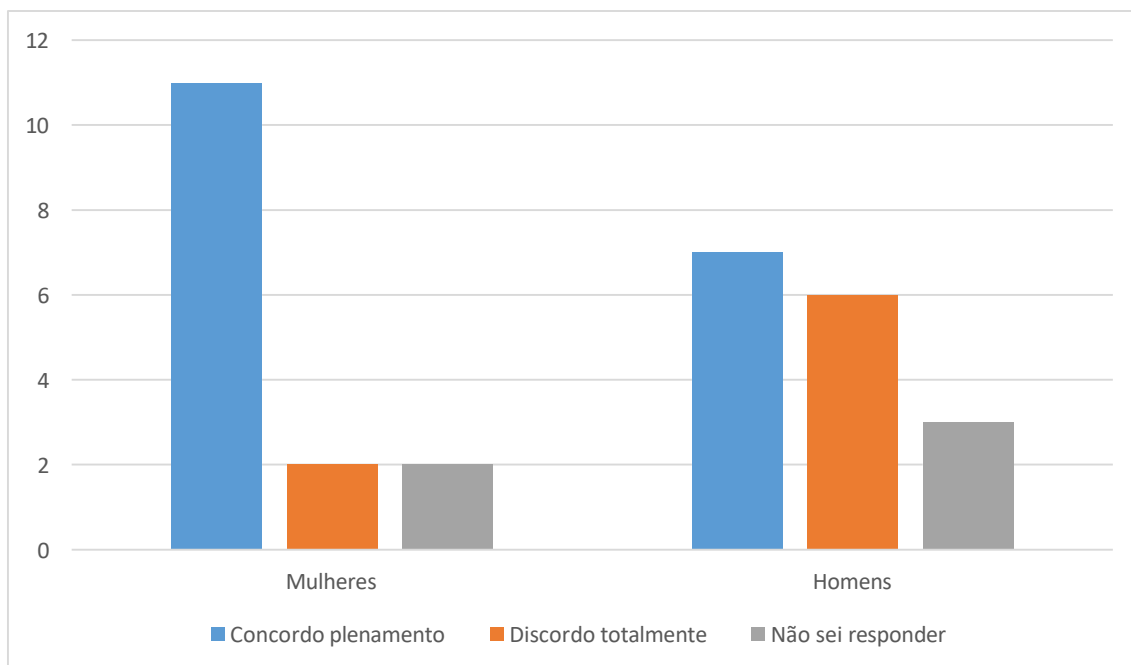
A posição “Talvez” adotada por seis mulheres e sete homens, indica uma ambivalência que é comum em debates sobre a linguagem e preconceito. Essa incerteza pode refletir uma consciência de que a questão não é simples e que a valorização de uma norma culta pode ter efeitos variados, dependendo do contexto e da maneira como é aplicada.

Essa visão mais nuançada sugere que, embora a norma culta possa ser necessária em certos contextos, é crucial que haja um reconhecimento e uma valorização das diversas formas de expressão linguística presentes na comunidade.

É fundamental compreender que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um veículo de identidade e cultura. O preconceito linguístico não se limita à diferença entre a norma culta e as variantes populares, ele se manifesta nas intenções sociais e nas percepções que as pessoas têm uma das outras com base em sua forma de falar. Portanto, promover uma maior valorização da diversidade linguística e questionar a hierarquia estabelecida pela norma culta são passos essenciais para combater o preconceito linguístico.

A última pergunta do questionário indagou aos entrevistados se eles concordam ou discordam que a tecnologia e as redes sociais influenciam a linguagem e o preconceito linguístico no bairro de Paulo Corrêa. As respostas encontram-se no gráfico abaixo:

Gráfico 11 Você concorda ou discorda que a tecnologia e as redes sociais influenciam a linguagem e o preconceito linguístico no bairro?



Das 15 mulheres entrevistadas, 11 concordam plenamente que a tecnologia e as redes sociais influenciam a linguagem e o preconceito linguístico, enquanto duas discordam totalmente e 2 não souberam responder. Essa maioria expressiva de concordância entre as mulheres sugere uma consciência aguda sobre como as plataformas digitais moldam a forma como as pessoas se comunicam, bem como a maneira como diferentes modos de falar são percebidos.

As redes sociais tem o potencial de democratizar a comunicação, permitindo que vozes diversas sejam ouvidas, mas também podem perpetuar estigmas e preconceitos linguísticos, à medida que certos modos de expressão ganham mais visibilidade e prestígio. Essa percepção pode refletir uma preocupação com a forma como a linguagem é usada nas redes sociais, onde a norma culta pode ser frequentemente desafiada e, ao mesmo tempo, onde novas formas de preconceito linguístico podem emergir.

Em contraste, entre os homens, 7 concordam plenamente com a pergunta, 6 discordam e 3 não souberam responder. A diferença significativa no número de homens, em relação as mulheres, que discordam da influência da tecnologia na linguagem pode indicar uma visão mais crítica ou cética em relação ao papel das redes sociais. Essa

divisão nas respostas masculinas pode sugerir que alguns homens não reconhecem plenamente o impacto que as tecnologias tem na comunicação cotidiana e nas relações sociais. A resistência em aceitar essa influência pode refletir a falta de experiência com o comunicação.

A relação entre essas percepções e o preconceito linguístico é crucial para entender como as normas e os estigmas linguísticos se manifestam no espaço digital. Enquanto as mulheres parecem mais abertas a reconhecer a influência das redes sociais, o que pode indicar uma disposição para questionar e desafiar preconceitos, a visão mais dividida entre os homens pode apontar para a resistência a essa mudança. Essa resistência pode estar ligada a concepções tradicionais de linguagem e comunicação que privilegiam a norma culta, dificultando a aceitação de novas formas de expressão que emergem nas redes sócias.

Os dados sobre a influência da tecnologia e das redes sociais na linguagem e no preconceito linguístico no bairro de Paulo Corrêa revelam uma complexidade nas percepções de homens e mulheres. Enquanto as mulheres demonstram uma consciência mais clara sobre as implicações sociais da comunicação digital, os homens apresentam uma visão mais polarizada.

Foi observado que muitos entrevistados desconhecem sobre sua própria linguagem, ou seja, foi somente a partir do questionário aplicado que muitos deles buscaram se aprofundar para entender melhor do que se tratava o assunto e acabaram vendo que não é um bicho de sete cabeças, foi a partir disso que muitos mostraram interesse em conhecer mais a respeito do preconceito linguístico que abrange o bairro de Paulo Corrêa e reconheceram que eles mesmos acabam cometendo o preconceito linguístico com outras pessoas simplesmente por achar que se trata de uma brincadeira descontraída, mas afirmaram que muitas “brincadeiras” desse tipo acabam por passar dos limites e deixam muitas pessoas desconfortáveis.

Ressalta-se a importância de promover discussões sobre a linguagem e preconceito que consideram as experiências e as vozes de todos os gêneros, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e inclusiva das dinâmicas linguísticas contemporâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou refletir e discutir sobre o preconceito linguístico no bairro de Paulo Corrêa do município de Parintins. Segundo os linguistas, os humanos são organizados em sociedade e possuem um código, ou seja, uma comunicação verbal que se tornará a linguagem de todo falante.

Para a Linguística, nenhuma língua é inferior ou primitiva, pois falar diferente não é considerado errado, e é considerado errado para muitos, existe uma explicação científica (linguística, histórica, sociológica e/ou psicológica). A língua é uma herança passada de geração em geração. As diferenças de idioma estão relacionadas a vários fatores: faixa etária, nível de escolaridade, status socioeconômico e cultural, etc.

Considerando a hipótese de que o preconceito linguístico é um problema no bairro de Paulo Corrêa, e baseado nos dados coletados, esse estudo sugere que em algum momento de suas vivências dentro ou fora do bairro de Paulo Corrêa, os informantes se sentiram desconfortáveis com comentários sobre seu modo de falar. Mais da metade dos informantes concluíram que o preconceito linguístico é um problema no bairro, vale salientar também que todos concordaram que deveriam ter um combate mais forte a discriminação pela linguagem, que é papel dos pais e responsáveis orientarem os seus filhos para o preconceito linguístico.

As análises dos dados concluíram que os participantes tem consciência do que é o preconceito linguístico e como ele pode influenciar na autoestima de uma pessoa, uma parte dos informantes revelam que já sofreram algum tipo de julgamento sobre seu modo de falar dentro bairro, outro ponto a salientar é que tanto informantes mulheres, quanto informantes homens concordam que as redes sociais tem um grande impacto e influencia na propagação do preconceito linguístico no bairro de Paulo Corrêa.

Vale salientar que o preconceito linguístico vem muitas vezes disfarçado de uma simples piada que pode parecer inocente, mas é um preconceito tão grave quanto qualquer outro tipo de preconceito. É interessante apontar também, que talvez por conta desse disfarce, muitos participantes ao finalmente compreenderem de fato do que se trata o preconceito linguístico levam um choque, pois é um problema tão cotidiano que as pessoas acabam por normalizar essa conduta inaceitável.

Essa pesquisa possibilitou entender como as pessoas avaliam seu modo de falar dentro da comunidade do Bairro de Paulo Corrêa, mostrando como elas enxergam essa problemática e avaliam dentro de suas experiências casos de preconceitos linguístico que

sofreram dentro do bairro ou fora dele. Trabalhos como esse em áreas periféricas ajudam na compreensão de muitos assuntos que parecem complexos demais no primeiro contato, mas quando são levados para uma breve explicação ou até mesmo uma mini aula resultam no aguçamento e na curiosidade por uma busca maior a respeito do assunto, levando dessa forma a uma reflexão sobre assuntos cotidianos desconhecidos pelos moradores do bairro.

Essa pesquisa contribuiu para compreender como o preconceito linguístico está inserido dentro das vidas de moradores do bairro de Paulo Corrêa e tenta mostrar para a comunidade que o preconceito não deve ser normalizado, observando que existem muitas formas de falar, sendo nenhuma rotulada como “incorreta”. Essa pesquisa é um ponto de partida para mais estudos aprofundados sobre esse fenômeno linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Glícia Kelline Santos; SANTANA, Isabela Marília; RIBEIRO, Jacqueline Santos. **Preconceito linguístico: discriminação social ou linguística**. SE/Brasil, 2012.
- ANDRADE, Lindaura Gusmão; VASCONCELOS, Brycht Ribeiro de. **Expansão urbana: uma análise da ocupação urbana na cidade de Parintins – AM**. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Anais DO VII CBG – ISBN: 978-85-98538-04-1. Vitória, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. Marcos Bagno, São Paulo, Edições Loyola, 49ª edição, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Português Brasileiro, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2021.
- BELLCHIOR, Vinicius. **Paulo Corrêa: conheça a história do bairro mais populoso de Parintins**. Jornalismo Parintins, 2023. Disponível em: <Paulo Corrêa: Conheça a história do bairro mais populoso de Parintins> Acessado em: 22 de abril de 2025.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica** / Louis-Jean Calvet; tradução: Marcos Marcionilo – São Paulo, Parábola, 2002.
- COELHO, Izete Lehmkuhi. **Sociolinguística** / Izete Lehmkuhi Coelho... [et al.]. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CROCHIK, José Leon. **Preconceito, indivíduos e sociedade**. Universidade de São Paulo, n. 3. Temas em Psicologia, São Paulo, 1996.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sócias**. / Pedro Demo. – 3. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Atlas, 1995.
- FARIAS, Katriana Jacaúna. **As variações dialetais Parintinense: contribuição da sociolinguística aos falares Amazônicos/Amazônidas**. Guajará – Mirim, 2010.
- IBGE, **Parintins**. Portal do Governo Brasileiro/IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/parintins/panorama>, 2022. Acesso em: 28 de abril de 2025.
- QUARA, Hariele Regina Guimarães; JUSTINIANO, Jeiviane dos santos. **Estudos dialetológico no Amazonas**. Palhoça – SC, 2010.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimento básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. / Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. – 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- LIMA, Marcus Eugenio Oliveira. **Psicologia social do preconceito e do racismo**/ Marcus Eugenio Oliveira Lima. – São Paulo: Blucher Open Access, 2020.
- OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisa em administração** / Maxwell Ferreira de Oliveira. – Catalão: UFG, 2011.
- PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 233 p., 2009.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**/Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2 ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SANTOS, Andreza Marcião dos. **A SOCIOLINGUÍSTICA E A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA**. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.], v. 7, n. 20, p. 36 – 53, out. 2017. ISSN 2178-1486. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/8>>. Acesso em: 30 out. 2021.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Varição e mudança linguística: panorama e perspectiva da sociolinguística variacionista no Brasil.** Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** / Augusto Nivaldo Silva Triviños. – São Paulo: Atlas, 1997.